ANNO IV — N. 33 MAIO, 1929

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

SUMMARIO

A cultura do julgamento. — Concursos da "Revista", *Firmino Costa*. — Educação physica (Adaptação), — *R. Eloy de Andrade*. — Actividades extra-programma nos Estados Unidos.—Como executar os nossos programmas, *Mario Casasanta*. — A psychologia e a educação, *Francisco Salles Oliveira*. — O methodo intuitivo, *Firmino Costa*. — Os nossos concursos. — Pequena anthologia de recitativos

SECÇÃO DO CENTRO PEDAGOGICO DECROLY
DAQUI E DALI — A VOZ DA PRATICA
I NFORMAÇÕES UTEIS

BELLO HORIZONTE — ESTADO DE MINAS GERAES

Casa Gagliardi

A tradicional casa que sempre manteve o mais bello sortimento da sua especialidade. Possue o melhor e mais bello stock de fazendas, armarinho, calçados, etc.

Acaba de receber as ultimas novidades em artigos para "INVERNO"

Não se illudam, não se deixem levar pelas apparencias, a tradicional "CASA GAGLIARDI" cumpre o que promette. É seu lemma: honestidade, distincção e vender mais barato que qualquer congenere. É de seu interesse visital-a, com isso não assume compromisso e tudo terá a lucrar.

541 -- AVENIDA AFFONSO PENNA -- 547

C. Postal 197 -- Tel. 295 -- Telegr. "Gagliardi"

Bello Horizonte

ANNO IV — N. 33 MAIO DE 1929

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 210
Data 20-10-77
BIBLIOTECA

A CULTURA DO JULGAMENTO

Essa palavra *julgamento* deve ser perfeitamente comprehendida pelo nosso professorado, porque encerra um conceito fundamental em nosso Regulamento Primario.

Realmente. No seu artigo 252, diz o Regulamento que o ensino das materias que constituem o programma primario só tem um fim: desenvolver o raciocinio, o julgamento e a iniciativa das crianças.

E' a mesma coisa que se o Regulamento nos dissesse:

—Não se exige que as crianças saibam de cór todas as definições e regras de arithmetica. Podem deixar de dar taes definições e taes regras ou dá-las imperfeitamente, como é natural que as deem, fazendo-o com as suas proprias palavras.

O que se exige é que diante de um problema as crianças o leiam com cuidado, busquem a solução, meditem, esforcem-se e consigam encontrá-la, sem a intervenção de ninguem, custe isso vinte minutos ou dois dias.

Não se exige que as crianças recitem uma duzia de cabos ou ilhas, a superficie dos Estados ou todos os afflu-

entes do Amazonas, numa ordem determinada. Basta que os saibam procurar, encontrar, localizar e lêr no mappa.

O que se exige, no ensino da geographia, é que se habilitem as crianças a procurar e a encontrar solução para as suas difficuldades, todas as vezes que tiverem necessidade.

Não se exige que as crianças saibam definir, nos termos sabios da grammatica, o substantivo, o adjectivo, o adverbio.

O importante é que os saibam identificar, reconhecendo-os na multidão de palavras, e que os saibam empregar devidamente, quer falando, quer escrevendo. Conhecê-los bem, é distingui-los de outras palavras, é comparar—notando as differenças, é discriminá-los, é, afinal, julgar...

Pois bem: se o Regulamento affirma claramente que o fim de se ensinarem as materias do programma, nas escolas primarias, é desenvolver o julgamento, o raciocinio, a iniciativa, resalta indubitavelmente a necessidade de bem se entender o que significam taes palavras e de bem estudar como se alcança esse objectivo.

Por hoje, ficamos na palavra *julgamento*. Que significa? O mesmo que a palavra *juizo* de nossos compendios de philosophia: funcção de julgar, de discriminar, de distinguir o falso do verdadeiro, de distinguir uma coisa de outra.

E' o acto mais importante da intelligencia. Vêr claro, nas coisas da vida corrente, distinguir bem, discriminar, com acerto—tudo isso se inclue no que chamamos *julgar*.

A todo momento, encontramos homens, que revelam notavel erudição, que sabem muita coisa e a dizem com brilho, e, entretanto, não procedem, na vida corrente, com aquelle acerto e com aquella ponderação de certos homens sem erudição nem brilho, mas que sabem onde pisam e

como pisam: é que estes sabem julgar, teem juizo e aquelles não o teem.

Porque? Porque a erudição, isto é, o conhecimento de muitas coisas, o armazenamento de idéas alheias, o atulhamento das cabeças com uma multidão de informações, por si só pouco vale ou quasi nada vale perante as questões da vida ou perante o conceito que o nosso Regulamento faz da educação.

O homem, mais ou menos ignorante, que pensa bem e age bem, é, sob o nosso ponto de vista, mais educado do que o que diz coisas difficeis e bellas, mas sem o necessario criterio para distinguir a verdade do erro.

E' o que o Regulamento quer: não abarrotar as cabeças das creanças de conhecimentos, mas fazê-las pensar bem e certo.

Cultivar o julgamento, de modo que forme a sua opinião e a emitta sem receio, deante de todos os acontecimentos.

Que tendes feito para resolver esse problema fundamental, que constitue verdadeiramente o eixo de toda a Reforma da instrucção em Minas?

Que livros tendes lido e que meios tendes cogitado, para applicar em todas as materias do curso esse principio basico?

Infelizmente, o espectaculo que se nos depara de ordinario é verdadeiramente desalentador: o professor fala demais, diz tudo, recita, discursa, narra e enche os minutos com a onda de sua eloquencia.

Continúa a ser a torneira aberta, a despejar, a despejar, e as crianças continuam a ser os mesmos funis, a receber, a receber...

O professor é que julga, é que raciocina, é que pensa. As crianças recebem juizos feitos, raciocinios feitos, pensamentos feitos. E' justamente o contrario do que se quer.

Reflecti e resolvei seguir o caminho que vos aponta o nosso Regulamento.

CONCURSOS DA "REVISTA"

A redacção da "Revista do Ensino" lembrou-se, em boa hora, de organizar uma serie de concursos, cujo elevado alcance para a execução da reforma escolar não precisa de ser encarecido, tão evidente se mostra a sua utilidade.

Em primeiro logar, attrahe-se por essa fórma a collaboração intelligente do professorado nos meios praticos de resolver o problema educativo, não havendo para esse fim nada mais efficaz do que a referida cooperação. Alem disso, a educação é serviço publico, para o qual todos os competentes devem contribuir com o seu saber e com a sua experiencia.

A utilidade dos concursos já se acha patente nos resultados obtidos. Vão estes introduzindo na vida escolar valiosas reformas de detalhe, que abrem caminho para a reorganização do ensino. A experiencia de cada professor não mais ficará circumscripta á sua escola, porque irá incorporar-se na grande corrente de todas as escolas, fertilizando os seus campos de cultura.

A collaboração desperta a capacidade de iniciativa. Trabalhar em conjuncto para o bem collectivo, sentir-se parte de uma agremiação importante, qual a dos professores, revigoriza o espirito, torna-o realizador, faz que elle se volte para a frente e lhe infunde novas esperanças.

EXERCICIOS ESCRIPTOS

O quarto concurso da "Revista" propoz a seguinte these: "Como se devem corrigir os exercicios escriptos de uma classe ?" Tal assumpto tem summa relevancia para o ensino, e está a exigir prompta solução.

Antes de tudo, ha de constituir uma aula a correcção dos exercicios, os quaes somente se completam depois de corrigidos. Assim sendo, os exercicios escriptos não terminam com a entrega delles ao professor, mas com a correcção respectiva, feita opportunamente em aula pelos proprios alumnos.

Quaes são esses exercicios? O art. 346 do regulamento do ensino prescreve que os exames consistirão em provas

escriptas, praticas e oraes: as primeiras constarão de dictados, redacções faceis e problemas de arithmetica; as praticas, de calligraphia, desenhos e trabalhos manuaes; as oraes, de todas as disciplinas do programma. Como se vê, os exercicios escriptos comprehendem o dictado, a redacção e os problemas de arithmetica.

Apresentando ha pouco tempo as regras do dictado, enunciei nestes termos a primeira dellas: "O dictado é um meio de ensino, empregado para evitar e corrigir erros, e não para contal-os". Realizado esse trabalho de accordo com as regras estabelecidas, a sua correcção poderá ser effectuada na mesma aula.

Ficam, para o professor corrigir em casa, os cadernos de composição e de problemas de arithmetica. A these do quarto concurso limita-se propriamente a estes dois exercicios.

Iniciando-se a redacção no segundo anno, depois de ter a classe treinado, durante o anno anterior, nos exercicios de elocução; considerando-se esta como basica para a realização daquella, ministrando-se o ensino de vocabulario e de orthographia, ter-se-á desse modo diminuido o trabalho da correcção, visto tornar-se muito menor o numero de erros.

Quando corrigir os exercicios, o professor sublinhará com differentes cores os erros de orthographia e os de construcção. Assignalados os erros, far-se-á a correcção, conforme o seguinte preparo de aula: "Lingua patria. — Transcrever no quadro as palavras (enumerem-se estas), para os alumnos corrigirem nos cadernos os erros de orthographia, notados com traço azul. Erros de construcção (taes e taes), marcados de vermelho, para a classe corrigir".

Os alumnos tirarão real proveito dos exercicios assim organizados em todas as suas partes, que são estas: exercicio de elocução como trabalho fundamental; redacção baseada no mesmo e feita em aula; correcção de erros pela classe; copia do exercicio, passando-o a limpo na aula de calligraphia.

Aos exercicios de arithmetica podem applicar-se, *mutatis mutandis,* as indicações, que acabam de ser dadas para os exercicios de redacção.

FIRMINO COSTA

EDUCAÇÃO PHYSICA

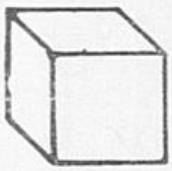
Jogos menores

«O prolongamento do periodo da infancia, no que diz respeito aos jogos, é requisito preliminar para o desenvolvimento das faculdades superiores do educando.» (Claparède).

Com effeito, quanto mais alongada a infancia, por processos adequados e progressivos, tanto mais longo se torna o periodo de *plasticidade*, durante o qual o educando, em jogos, imita, experimenta, ou melhor, multiplica, nas possibilidades de acção que lhe são offerecidas, os fructos de sua experiencia individual, o fraco capital que traz por hereditariedade.

O DADO

Seus valores educacionaes: Attenção, acuidade visual, agilidade mental no julgamento e decisão, sob a influencia das emoções de defesa e ataque, em instantaneas alternativas.



Apparelhamento necessario: Um dado de madeira, medindo 10 cc., com tres faces pintadas de branco e tres de preto.

Organização: Divide-se a classe ou grupo de alumnos em duas turmas (fileiras), parallelas e fronteiras no meio do campo, á distancia de dois passos uma da outra. Determina-se a côr de cada lado. Lançado o dado pela professora, a turma cuja côr ficar voltada para cima ao parar o dado entre as duas fileiras, tratará de alcançar os elementos da outra turma, que fugirão até o limite do campo de combate, pondo-se a salvo na zona neutra. Ganhará o jogo a turma que conseguir fazer maior numero de prisioneiros em certo tempo.

REGRAS

I — Do campo

O campo deverá ter: a) uma trincheira de 2 metros de largura; b) duas zonas de combate, uma de cada lado, me-

dindo, no minimo, 5 metros de largura; c) duas zonas neutras, com 2 metros ou mais de largura, conforme as possibilidades do terreno, na extremidade de cada lado do campo. (ver desenho.)

II — Dos atacantes e fugitivos

1.° Atacantes serão todos os componentes do lado cuja côr, anteriormente indicada pela professora, apresentar a face do dado que ficar voltada para cima, ao ser atirado, entre as fileiras, pela professora.

a) O atacante que, no acto da perseguição invadir a zona neutra e ainda nella for tocado pelo adversario (fugitivo), ficará prisioneiro deste.

b) Para fazer um prisioneiro, basta tocar, de leve, qualquer parte do corpo do fugitivo, dentro da zona de perseguição.

2.° Fugitivos serão todos os componentes do lado cuja côr anteriormente indicada pela professora, não corresponder á apresentada pela face do dado que ficar voltada para cima, ao ser atirado pela professora.

a) O fugitivo que, no acto da retirada, for tocado por um dos atacantes, dentro da zona de perseguição, *considerar-se-á* prisioneiro.

b) Os prisioneiros retiram-se do campo e formam em fileira, no logar indicado pela professora

VARIAÇÕES EM PROGRESSÃO

1.° Dados com cores neutras

Usa-se um dado com dois lados pretos, dois vermelhos e dois brancos.

Regra: Si, ao ser atirado, o dado cahir com a face branca voltada para cima, nenhum dos lados poderá sahir das linhas da trincheira, sob pena de ficar prisioneiro o que sahir e o seu logar ser occupado por um adversario.

2.° Dados numerados para operações arithmeticas

Dois dados numerados: um de 1 a 5, com uma face branca; outro de 6 a 0 (zero) com uma face vermelha.

Regra: a) Para sommas: A professora determinará a fileira impar e a par. Jogará, em seguida, um dado após o outro. A somma dos numeros apresentados pelas faces dos dados voltadas para cima (que será feita por ambas as fileiras) indicará o lado que deve fugir e o que deve atacar, segundo o resultado (par ou impar) da somma dos numeros apresentados.

Nota — Este jogo póde ser usado para grande numero de operações arithmeticas, porém de accordo com o desenvolvimento dos alumnos na materia. Para as sommas, multiplicações ou divisões de mais de 3 algarismos, devem ser usados tantos dados quantos os algarismos da operação que se deseja effectuar, havendo um differente de todos os outros que, ao ser lançado por ultimo, dará o multiplicando, divisor ou o signal de somma.

(*Adaptação de* R. ELOY DE ANDRADE, *inspector de Educação Physica*).

ACTIVIDADES EXTRA-PROGRAMMA NOS ESTADOS UNIDOS

Conferencia pronunciada no Grupo Escolar «Barão do Rio Branco»

Deixai-me manifestar-vos a alegria de estar de novo entre vós. Depois de alguns mezes de ausencia e saudade, é-me dado o grande prazer de uma palestra comvosco.

Contar-vos tudo o que vi e aprendi seria abusar de vossa attenção. Limitar-me-ei a vos relatar uma feição especial da educação nos Estados Unidos da America do Norte. Antes, porém, não me posso furtar ao desejo de vos communicar algo da educação em geral. A educação nos E. U. é um verdadeiro culto.

Dá-me a impressão de um edificio gigantesco cujos alicerces firmes e profundos são a fé illimitada do povo.

E' um caracteristico frisante, notavel da educação americana, essa confiança que o povo nella deposita. Na escola, os americanos do norte vêm o progresso e a segurança do paiz. E eu tenho a convicção de que a maior parte do poder daquella grande nação tem a sua fonte na educação, nas escolas.

E' verdadeiramente admiravel, empolgante mesmo, como o povo em geral, a massa, comprehende a importancia da escola e collabora com ella. Um exemplo só, confirmará a minha asserção. Muitas das grandes casas commerciaes dão para as escolas uma percentagem do producto da venda de um determinado artigo; assim é que a grande casa Macy's tira essa percentagem da venda de crêmes, da secção de perfumarias, para distribuil-a pelas escolas. Muitas instituições particulares e companhias commerciaes e industriaes mantêm escolas com o fim de proporcionar a seus empregados uma instrucção adequada a seu meio de vida.

Os paes estão em contacto com os trabalhos escolares, principalmente por meio da Associação de Paes e Professores; os educadores trabalham com enthusiasmo pelo aperfeiçoamento da escola.

Os alumnos sentem-se felizes.

E que diremos dos estudantes que, para se manterem nas universidades, trabalham nas ferias até como copeiros de restaurantes?!

Finanças

As finanças da escola, relativas ao producto de contribuições, jogos, festas, etc., estão a cargo dos alumnos, evidentemente com a fiscalização dos professores. Em muitas escolas elles mantêm e dirigem um banco, que funcciona como qualquer banco regularmente estabelecido.

Debates

Os debates são tambem actividades muito interessantes em que, divididos em dous grupos, os estudantes discutem um thema e disputam um premio.

Jogos athleticos

Os jogos athleticos têm a vantagem de promover o desenvolvimento e bem estar physicos e o *grupo moral*, esse estado mental e emotivo que faz os individuos se unirem com o fim de vencer.

Emfim, ha muitas outras actividades, todas eminentemente educativas.

Nada mais bello, mais elevado e mais nobre do que fazer desabrochar da juventude, cultivar e offerecer á Patria, um cidadão util e digno della.

Este é o meu grande ideal, o ideal de todos nós, educadores.

Sinto-me feliz e grata ao governo patriotico que dirige actualmente os destinos de nosso Estado, nas pessoas illustres dos srs. drs. Antonio Carlos e Francisco Campos, pela opportunidade que me foi proporcionada de ir estudar e trazer novos conhecimentos para, de collaboração comvosco, trabalhar para o engrandecimento da nossa Patria.

Unamo-nos, pois, fraternalmente, e lutemos com amor, com abnegação e com enthusiasmo pelo grande ideal de cultivar o civismo de nosso povo como base para a garantia do paiz, de melhorar nossa raça e de formar um povo forte e digno do thesouro preciosissimo que lhe está confiado — o nosso Brasil!

A numerosa frequencia dos cursos de verão para professores nas universidades, e o assombroso numero de livros di

dacticos são outras provas de interesse pela educação. O desejo de aperfeiçoal-a é um factor real, conducente ao bem estar do paiz.

Educação é desenvolvimento; assim, nos E.U. ella evolue sempre. Os educadores dedicam-se a constantes estudos, pesquisas e experiencias; porêm, não se limitam a seus conhecimentos e estudos, vão buscar as experiencias de outros povos.

Não pode haver um povo mais cioso de seu paiz, mais orgulhoso de sua nacionalidade, do que o americano do norte. No emtanto, os professores declaram em classe, em conversa ou conferencia, como tive occasião de ouvir mais de uma vez, que a educação americana não é uma invenção delles, não é producto exclusivamente seu, foram buscal-a na Allemanha, Suissa, França, Belgica, etc. Estudaram seus principios e methodos, experimentaram-nos e adaptaram-nos ás suas condições. Assim é que da Allemanha e da Suecia levaram os methodos de gymnastica; depressa verificaram que essa gymnastica militarizada não se adaptava ao temperamento americano; os alumnos detestavam-na. Modificaram-nos então, e formaram um systema de accordo com o meio e a indole do povo e que é baseado nos movimentos naturaes e livres.

Acompanharam com grande interesse os trabalhos de Binet e Simon. São sempre citados e adoptados, com algumas modificações, os tests de Binet e do professor Simon, esse mesmo que temos a satisfação de ver entre nós.

Ha constantemente um intercambio de conhecimentos e idéas sobre a instrucção entre a America do Norte e a Europa. Professores americanos visitam os paizes europeus, com o fim de ensinar ou de observar, estudar e trazer para a America o que elles têm de bom. Com o mesmo fim os europeus vêm á America.

Emquanto estavamos nos E.U., um de nossos professores esteve na Allemanha, ministrando os mesmos ensinamentos que nos havia dado.

Tambem professores europeus vão lhes levar ideas, como Miss Mc Millan e Miss Owen, educadoras inglezas, que lançaram a idéa das escolas maternaes. Essas idéas foram adoptadas por duas distinctas educadors americanas — Miss Hill e Miss Johnson, que as modificaram; e hoje essas escolas formam um typo absolutamente distincto.

Tambem Maria Montessori esteve nos E.U., transmittindo seus methodos e experiencias, que contribuiram para as bases dos jardins da infancia.

Nas escolas americanas prevalecem como principios primordiaes — a iniciativa propria, o valor do eu, a responsabili-

dade, o amor e orgulho da nacionalidade, as idéas alevantadas de civismo.

Alem de ser ministrado nas escolas dominicaes, o ensino religioso é tolerado nas escolas publicas.

Para preparar efficientemente o cidadão, a escola é constituida como uma verdadeira sociedade. Ella é actividade, é vida. Esta é uma feição do systema de educação americana, das mais interessantes que me foi dado observar, a que mais me impressionou e que me proponho a vos relatar em linhas geraes.

A socialização da escola se realiza principalmente por meio das actividades extra-programma. Estas comprehendem as actividades não mencionadas entre as materias do programma e todas as destinadas a desenvolver e cultivar as qualidades de bom cidadão. São ellas os clubs, a familia escolar, o conselho de estudantes, os jogos athleticos, as publicações, como revistas, jornaes, etc.

Estas actividades são mais desenvolvidas nas Escolas Normaes e nos gymnasios.

Consideremos o seu valor. O fim primordial da educação é preparar cidadãos. Mas nós não os preparamos, apenas, enriquecendo-lhes os cerebros de conhecimentos scientificos, muitos dos quaes elles nunca terão occasião de applicar. O principal é ensinar-lhes como viver, introduzil-os na vida pratica.

Tambem precisamos descartar-nos da velha idéa de que educar é preparar para a vida futura. A philosophia moderna nos ensina que não podemos propriamente preparar a creança para a vida futura, porque não sabemos o que será a vida amanhã; pois a sociedade, muda dia, a dia nesta era de invenções.

Adoptemos a nova philosophia, de que a educação é a propria vida.

Assim, prepararemos o individuo para todas as situações novas, tendo lhe proporcionado, na vida escolar, ensejo para a eclosão de todas as suas faculdades.

Então, temos que crear na escola uma situação de vida real, isto é, ajudar a creança a viver na escola. Devemos salvar nossa mocidade da velha rotina; o conhecimento scientifico é a base, mas precisamos alguma cousa mais, que é o desenvolvimento de todas as capacidades e habilidades, e isto se obtem pela acção, applicando esse conhecimento. Para se conduzir na sociedade, é necessario a pratica.

O alumno, mórmente na Escola Normal e Gymnasio, está no periodo de adaptação e das grandes transformações; é a melhor epocha em que se corrigem, aperfeiçoam e firmam habitos, attitudes e caracteres.

Alguem poderá dizer: "Nossos meninos são intelligentes; com o saber vencerão na vida". Isto não é bastante; a pratica, acompanhada de cuidadosa direcção e estimulo, é indispensavel para a formação de bons habitos, attitudes e moral.

A socialização da escola é necessaria mesmo para aquelles que se destinam ás universidades, pois elles se tornarão leaders, e como taes, terão que lidar com as massas; portanto, devem estar preparados para respeitar a personalidade dos outros, afim de que possam viver juntos, porque a sociedade hoje, não é formada somente de dirigentes e dirigidos, isto é, estes ultimos não contribuem só com o trabalho manual, porém com as mãos e o cerebro. Mutuo respeito á personalidade é indispensavel para um bom entendimento.

A' vista do que foi dito, a socialização da escola é extremamente valiosa e se realiza por meio das actividades extra-programma.

Ellas se vinculam ao desenvolvimento do caracter.

Seu fim immediato é offerecer ao alumno opportunidades favoraveis para agir por si e praticar relações sociaes, mas pratical-as com satisfação. Não podemos transmittir de uma só vez aos educandos nossos conhecimentos e experiencias; elles devem aprendel-os, praticando-os. Além disso, essas actividades extra-programma ensinam aos alumnos como empregar melhor suas horas vagas, despertam nelles o amor e o interesse pela escola e offerecem situações favoraveis para se desenvolverem os elementos da sua personalidade, taes como—lealdade, curiosidade, imitação, sympathia, instincto de associação, etc.

Favorecem tambem a descoberta das differenças individuaes.

Seria fastidioso talvez enumerar aqui todas as vantagens das actividades extra-programma, mas alguns dos seus objectivos vos mostrarão quão uteis ellas são á escola:

I Preparar o cidadão para viver numa democracia. Assembléas, clubs, jogos, bancos, conselho de estudantes, jornalismo e outras actividades offerecem situações e condições de uma sociedade democratica.

Nesta o individuo tem de pensar por si, ser conscio de sua individualidade; portanto, deve aprender quaes são seus deveres e responsabilidades.

II—Ensinar a agir por si. Os estudantes devem habituar-se a se dirigir por si, a conduzir seus negocios, porque um dia elles terão de viver por si mesmos, sem auxilio de tutores. Pois bem, elles terão de assumir responsabilidade e direcção propria em muitas dessas actividades.

III—Cooperação—Este principio basico da democracia precisa ser desenvolvido. Actividades taes como clubs, conselho de estudantes, jogos athleticos, etc., offerecem excellente opportunidade para a pratica da cooperação.

IV—Augmentar o interesse do estudante pela escola. Isto se obtem fazendo com que elle participe das actividades e da administração da escola. Assim o estudante, dando um pouco de si mesmo para a escola, reconhecerá o valor de sua contribuição e se interessará muito mais por ella.

V—Cultivar sentimentos de lei e de ordem. Estes dois factores essenciaes numa democracia serão aprendidos naturalmente, sem pressão. Não ha peior disciplina do que a imposta pelo medo; de regra, é sempre uma provocação. O interesse pela escola é a melhor disciplina: quanto mais o estudante amar sua escola, mais elle sentirá a responsabilidade de manter sua bôa reputação e menos necessaria será a imposição da ordem.

VI—Desenvolver a iniciativa e as qualidades de leaderança. As actividades extra-programma desenvolvem estas qualidades muito melhor do que o estudo das sciencias, pois, ellas são constantemente postas em pratica.

Dentre os principios basicos, citarei alguns mais importantes como:

1.º—O estudante é um cidadão da escola. Elle tem direitos e privilegios, assim como deveres e obrigações. A escola não se justificará se não preparar a creança para ser um cidadão efficiente. Para tal fim, ella deverá ser organizada como uma democracia, pois não poderá preparar os membros de uma democracia num regimen autocratico.

2.º—Sempre que possivel, estas actividades devem nascer do programma e para elle voltar, enriquecendo-o. Não devem ser um assucarado para entreter e attrahir os estudantes, mas legitimamente augmentar o interesse e melhorar o estudo das materias. Assim, para apresentar numa assembléa, um trabalho de geographia, de literatura ou de arte, o alumno teve de preparal-o e portanto estudou; e mais ainda, estudou com prazer, porque tinha um objectivo e satisfez as condições de aprendizagem: interesse, satisfação e exercicio.

3.º—*Egualdade de opportunidade.*—Este ideal democratico se exerce naturalmente nas actividades extra programma. Todos os alumnos tem o mesmo direito de participar das organizações escolares, de mostrar suas aptidões, porque as actividades são distribuidas de accordo com a capacidade de cada um. Assim, um menino que não mostrou aptidão pa-

ra uma actividade pode se manifestar em outra, por exemplo: um alumno que não mostrar pendor para um debate literario, poderá se salientar num torneio athletico ou num torneio artistico.

4.º—As actividades extra-programma são educativas somente quando desenvolvem as qualidades que fazem um completo cidadão, como: commando, iniciativa, cooperação intelligente e obediencia á auctoridade.

5.º—«E' missão do professor ensinar ao alumno a fazer o melhor possivel aquillo que elle terá que fazer, revelar-lhe os mais elevados typos de actividades, tornando-as desejaveis e até certo ponto realizaveis».

6.º—O professor deve agir só como conselheiro, auxiliando os alumnos com sua experiencia e melhor discernimento. A iniciativa e o trabalho devem ser dos proprios alumnos. Se o professor dominar, destruirá os objectivos das actividades extra programma.

A socialização da escola é, em resumo, uma necessidade de natureza social, psychologica e moral.

—Social, concernente ao respeito pela personalidade, ao espirito de cooperação, e á pratica das qualidades de cidadão.

—Psychologica, no que diz respeito ás emoções, como preconceito de sexo, estabilidade emotiva, dominio de si mesmo.

—Moral, para desenvolver sãs attitudes, codigo de ethica e formar elevados ideaes de vida.

Falar-vos-ei, agora, sobre essas actividades.

Familia escolar

Uma das mais uteis, communs a todas as escolas, e typicamente americana, é a que se denomina familia escolar, porque é uma parcella da escola, assim como a familia é uma parcella da sociedade.

Os alumnos são divididos em grupos; cada grupo é entregue aos cuidados de um professor (ou professora) a quem elle é obrigado a se apresentar diariamente, em sala e hora determinadas quasi sempre antes do inicio das aulas.

Devo dizer-vos que, quando um professor entra para uma escola, declara no contracto quaes as actividades de que elle póde se encarregar como dirigente. Porem sabe de antemão que terá sua *familia*, porque os grupos são communs a todos.

Esta organização deve ser iniciada pelo corpo docente, de cuja sympathia depende o successo da empresa.

O numero de alumnos de cada grupo se determina, dividindo-se o numero total delles pelo numero de professores. Os estudantes podem ser classificados pela edade mental, sexo, anno escolar, interesses communs, ou por escolha natural, isto é, sympathia pelo professor.

Cada grupo tem um presidente, vice-presidente, secretario e thesoureiro. Estes têm as suas attribuições determinadas.

O presidente assume a direcção das reuniões e age como auxiliar do professor responsavel pelo grupo.

O secretario registra as occorrencias das reuniões e as transmitte ao conselho de estudantes, ao director ou ao jornal da escola; encarrega-se tambem de toda a escripta, como programmas, annuncios, etc.

Ao thesoureiro compete a parte financeira, relativa ás contribuições, venda de bilhetes, etc.

Commissões são formadas para a organização do programma das reuniões, para formar o quadro de honra, para velar pelos que precisam de auxilio, para cuidar da ordem e da conservação do edificio e para mais outras attribuições.

Quanto ás reuniões, são de 15 a 20 minutos, 2 ou 3 vezes por semana, e de 30 a 40 minutos, 1 ou 2 vezes por semana. Em algumas escolas os periodos longos são diarios.

Os periodos curtos são destinados á chamada, avisos geraes, deveres escolares e outros fins administrativos.

Os mais longos são occupados com a execução de um programma ou de actividades varias, como, por exemplo:

1—Reunião social para os alumnos se conhecerem mutuamente.

2—Organização e discussão de planos.

3—Eleição da directoria e de representantes.

4—Organização de commissões.

5—Apresentação da historia e tradição da escola.

6—Discussão sobre os meios de beneficiar a escola.

7—Discussão sobre frequencia e pontualidade.

E muitos outros assumptos, como saude, hygiene, economia, lealdade, ideaes nacionaes, interesses da communidade, etc., podem ser desenvolvidos num programma.

Quaes os valores desta organização?

Em primeiro logar, ella é uma unidade administrativa, um exemplo de organização democratica, pois a democracia praticamente funcciona por unidades: a familia, a vizinhança, o bairro, a cidade, o districto, o municipio, o es

tado, a nação. A selecção de bôas familias faz a bôa communidade; assim, na escola, esses grupos funccionam como familias.

Em segundo logar, põe em contacto professores e alumnos; um entendimento entre elles é melhor do que a attitude formal e autoritaria que afasta os alumnos. Um professor criterioso, habil e complacente os guiará em suas difficuldades e elles sentirão que ha alguem em que podem se confiar.

Isto é importantissimo, porquanto evita muitos casos de máo entendimento, que resultam em desanimo ou revolta.

Em terceiro logar, desenvolve qualidades pessoaes. Num grupo pequeno, os alumnos podem se conhecer melhor e praticar qualidades desejaveis, como, cooperação, lealdade, bons costumes, etc.

Além disso, é um excellente meio de fazer o estudante participar da direcção e governo da escola.

Nas escolas primarias, esta organização não é necessaria, porque as creanças já estão naturalmente divididas em grupos, que são as classes.

Assembléas

A assembléa ou auditorium é uma das mais valiosas actividades, pelos fins educativos que abrange. Desenvolve independencia, iniciativa, cooperação, espirito de grupo, e facilidade de expressão; vence a timidez e o receio de critica, estabelece attitudes correctas numa assembléa.

E ainda mais: unifica a escola, estimula interesse pelas materias do programma e é um excellente meio de patentear o resultado de esforços nos estudos.

Em algumas escolas, ha assembléas diarias, iniciadas por orações, hymnos religiosos e escolares, seguidos de prelecção pelo director e discussão de interesses da escola. Estas, porém, não podem ter um bom programma. O melhor typo e mais commum é o de periodo longo, uma vez por semana.

Algumas vezes conferencistas, musicos e outros artistas são convidados a tomar parte no programma. Porém, em geral elle é executado pelos alumnos e representa o trabalho da escola.

Os clubs tomam parte activa nas assembléas.

Innumeros topicos se prestam a programmas muito interessantes, taes como os seguintes: Cruz Vermelha, meios de evitar accidentes, habitos de saude, acontecimentos mundiaes, dramatização de literatura ou historia, protecção aos animaes, evolução do aeroplano, com illustrações feitas pelos alumnos, etc.

Conselho de estudantes

O conselho de estudantes é uma organização de grande alcance, pois, apresenta situações que se assemelham ás da vida real.

Os estudantes vivem numa organização que quasi representa uma democracia; elles formam um governo, imitação de um governo de Estado, que coopera com o director e seus professores na solução de questões de disciplina, na administração e fiscalização de todas as actividades, emfim, em todos os interesses da escola.

Clubs

Os clubs são, talvez, as mais proveitosas organizações: os de geographia, de historia, de literatura, de sciencias, os clubs theatraes, musicaes, etc., favorecem a pratica das qualidades de cidadão e enriquecem o estudo das materias do programma.

COMO EXECUTAR OS NOSSOS PROGRAMMAS

Conferencia realizada no Grupo "Pedro II"

O QUE E' UM PROGRAMMA E QUAL A SUA RAZÃO DE SER

Pretendendo marcar qual a orientação que devemos ter na execução de nossos programmas, qual o sentido em que devemos caminhar e com que espirito devemos ministrar os ensinamentos contemplados em nossos programmas, parece-me acertado fixar, primeiro, o que seja bem um programma e qual a sua razão de ser.

São noções comesinhas, mas é intelligente meditar sobre as noções comesinhas, sobre esses problemas de todo o dia, palavras de todos os momentos, em nossa vida de professores, porque taes palavras e taes coisas, de tanto repetidas vão perdendo para nós a sua verdadeira significação, como as moedas, de tanto correrem, perdem o cunho e se gastam.

Pois bem: assim tambem a palavra programma, de tanto vista, ouvida e falada, parece que perdeu a sua significaçao verdadeira, pois, pelo menos, professores sei que encaram os programmas de um modo muito interessante. Para elles o programma é uma especie de taboa divina, intangivel, immutavel e mysteriosa, que se deve acceitar e seguir, passivamente, de começo a fim, sem murmurar nem pestanejar.

Refaçamos, portanto, uma velha noção e, para refazê-la, procuremos comparar um programma de ensino com o programma de uma construcção, de uma viagem, de um concerto ou de uma campanha. Compará-lo a taes coisas é descêl-o, a dse programma, do meio hieratico em que vive, como um ídolo, e trazê-lo para debaixo de nossos olhos, para bem o analysarmos e comprehendermos e, por isso mesmo, para melhor o executarmos. Commette-se a edificação de uma grande casa, sem o traçado de uma planta? Imagina-se uma viagem para o polo, longa e incerta, sem a fixação de um

itinerario? Concebe-se a boa audição de um concerto, sem o conhecimento previo dos numeros a executar? Pode-se lá cogitar de uma vasta campanha, sem um plano largamente estudado e meditado?

Claro que não. Pois bem: a educação é a construcção por excellencia e um programma de educação é uma planta tambem e, como planta, indica o caminho a seguir, fixa uma direcção, impede a dispersão de esforços. Da ignorancia e da estreiteza de visão dos pequeninos, de sua descoordenação e de sua inquietude, — até á situção elevada do homem apto para defrontar as necessidades da vida, ha uma longa distancia e é para essa longa jornada, incerta e cheia de surpresas, que se traça um programma e que nada mais vem a ser por conseguinte, do que um itinerario.

Planta de casa ou itinerario de viagem, o programma não passa, ao cabo de contas, de um guia que indica os melhores caminhos para attingirmos o nosso fim. E' porisso que se diz que os programmas são meras indicações, isto é, informações, avisos, cautelas, conselhos e não regras fixas e indiscutiveis.

Sendo assim, desde já podemos tirar algumas conclusões que me parecem de real proveito.

Estudemos os nossos programmas

Em primeiro logar, é necessario que o mestre conheça bem o seu programma, o que elle pretende e o que é indispensavel para a execução do que elle pretende. Não se imagina que um bom constructor metta mãos á obra, sem haver, com cuidado e previamente, estudado a planta que se levantou, particularidade por particularidade, e ataque immediamente um lanço do edificio sem attenção ás outras partes, nem ao que já fez e nem ao que hade ainda fazer. E' claro que hade fazer um estudo do conjuncto, para a elaboração de seu contracto e para que emitta, desde logo, o seu parecer sobre a obra que vae encetar.

Tal deve ser a primeira preoccupação do professor: estudar o programma, lê-lo muitas vezes e de espaço até o fim, para saber bem o que é que elle pretende e com que espirito deve ser elle executado. O professor que apenas lê, na tabella de pontos, o ponto do dia e que vae professando as suas lições mechanicamente, sem consideração pelo que vem adiante nem pelo que deixou atraz, é comparavel ao boticario qu

ajunta umas drogas ás outras, na ordem em que vêm na receita, sem mais ponderação nem mais exame, com o risco de provocar uma explosão ou fabricar um veneno...

Demais, que diremos da consciencia de homens que meditam sobre um programma de cinema, para bem comprehenderem uma fita, e não teem a paciencia precisa para lerem, com cuidado, o seu programma de ensino, as instrucções para a sua realização e a clara fixação de seu fim?

Iniciativa

Em segundo logar, se o programma é o roteiro de uma viagem, vê-se bem que é quasi impossivel para quem o traça—prever as particularidades do caminho, os seus accidentes e as suas surpresas, o contingente pessoal do mestre e o material vario e matizado que vae trabalhar, — e o mais que pode fazer é indicar os pontos a tocar, o rumo a seguir, as cautelas e as informações dos que percorreram a mesma via, padecendo quasi as mesmas difficuldades.

O programma é, como não pode deixar de ser, uma indicação dos principaes pontos a tocar para a consecução de um objectivo. Designa o fim, indica alguns caminhos, determina os pontos principaes, mas, dentro dos limites que marca, deixa ao mestre uma larga região vasia, sobre a qual a sua iniciativa vae dominar.

O fim está marcado: ao mestre compete a escolha dos melhores expedientes para attingi-lo. E' essa a grande liberdade do mestre. E se a administração intervem, indicando e suggerindo, é para evitar que o mestre escolha os peiores meios, em vez dos melhores, com grave damno para os alumnos...

Por onde se vê que a seriação dos pontos do programma nem sempre é obrigatoria e a numeração que por vezes se dá a cada ponto é, antes, uma necessidade de se dar um ponto após de outro, sem attenção ao interesse dos alumnos, que é quasi sempre fructo da qualidade da materia e da opportunidade de seu ensino.

O que o mestre deve fazer é aproveitar as suggestões do meio, as tendencias e as disposições dos alumnos, os reclamos da opportunidade, para dar uma nova feição a seu programma, pouco se importando com que dê, no mesmo dia, o ponto 1 e o ponto 40.

O programma official, que se reveste de um tom vago e impessoal, assumirá feições particulares nas mãos do professor,

de accordo com as exigencias do meio e a mentalidade de seus alumnos.

Assim, explicar o que é o arco-iris ou a chuva, as nuvens ou o trovão, a neblina ou o raio, em dias de esplendida claridade, só porque constam do ponto que cahiu no dia, é desconhecer, por completo, a sua tarefa e os meios de praticá-la. A escolha do material de tal lição bem se pode comparar ao acto de um sapateiro que, em logar de couro, preferisse papelão para uma botina. E o simile é verdadeiro até nisto: a lição duraria momentos, na memoria dos alumnos, se durasse, tal qual como a botina de papelão...

A ADMINISTRAÇÃO E OS PROGRAMMAS

O programma deve ser, portanto, adaptado ás circumstancias proprias de cada meio escolar, e de uma coisa impessoal, vaga, imprecisa, deve transformar-se, na mão de cada mestre, numa coisa pessoal, determinada, individual, precisa, ligada a dados accidentes physicos, affeiçoada a certo clima moral e dependente da mentalidade das creanças a que se destina.

Sendo assim, objectar-me-eis que o Estado não deveria propor programmas, mas deixar a cada professor a liberdade de organizá-los, de accordo com os elementos peculiares á sua escola. Deveria designar apenas o fim e permittir, sem restricção, aos professores, a escolha ampla dos meios para attingi-lo.

A objecção seria procedente, se se tratasse de professores ideaes, sob todos os aspectos perfeitos, pela elevação moral e pela cultura intellectual, para a missão que lhes incumbe.

Entre coarctar a iniciativa e a liberdade de uma *elite* de professores e deixar ampla autonomia a milhares de professores, atirados para os logares mais remotos, mais atrazados e mais solitarios, sem curso regular nem curiosidade intellectual, nem livros que satisfaçam tal curiosidade, se a tiverem, — vê-se logo que a decisão não pode ser outra senão traçar um programma, que procure remediar principalmente a impericia e a deficiencia da maioria.

Por outro, lado, e dadas as tristes circumstancias da grande massa, o programma deve ser de tal maneira formulado que não só designe a materia a ensinar, mas tambem escolha essa materia, de modo que o professor se veja na contingencia de estudar, adquirir preparo para seu officio, e, aos que já o teem, de renovar a sua cultura, buscando nos livros nas lições dos experientes, os meios melhores de trabalhar.

Tanto é verdade que a formulação de programmas caberia de direito aos mestres e que o Estado os impõe, porque a maioria não os formularia proveitosos, nem acertados,—que a tendencia dos programmas é para a simplicidade e a liberdade cada vez mais crescente, que se vae concedendo aos professores, vem derivando do augmento de sua cultura. Seria curioso estudar a simplificação dos programmas atravez do tempo, mas estou que esta conclusão salta para logo: a simplificação dos programmas e a cultura do professorado estão em razão directa.

O QUE TEM SIDO E O QUE DEVE SER O PROGRAMMA PRIMARIO

Os programmas do ensino primario vêm contendo o ideal de cultura minima que o Estado exige de seus cidadãos. E' um conjuncto de conhecimentos vario e grande, encyclopedico, apanhado de todas as sciencias,—e a formula mais festejada para definil-o tem sido a de Greard, quando asseverou que o ensino primario deve consistir naquillo que não é permittido ignorar.

Duas conclusões se podem tirar de prompto. Primeiramente, o que é necessario e o que é indispensavel para a vida é muito, e, além de muita coisa, difficilimo se torna discernir o que é dispensavel do que é indispensavel. Dahi o atulhamento deslimitado dos programmas, em geral organizados por especialistas para o sentimento dos quaes tudo o que se refere á sua disciplina é importante e indispensavel, porque se não fôra indispensavel e importante os sabios não o teriam descoberto, formulado e compendiado. Accresce a isso, a multidão de exigencias da vida moderna que se refletem vivamente na escola, querendo della, além do ensino encyclopedico, outros ensinos e informações como o combate ao alcoolismo, o ensino agricola, a puericultura, a instrucção militar, a contabilidade, os trabalhos manuaes, os rudimentos de ensino profissional, etc.

Em segundo logar, é difficultosa a tarefa de transmittir aos cerebros infantis esse amontoado de coisas diversas, não tanto pela sua quantidade, nem tanto pela sua qualidade, porque se trata em geral de rudimentos, mas principalmente porque não ha entre essas varias e variadas informações, respigadas aqui e ali, um laço que as irmane e unifique, condição essencial de verdadeiro saber.

Se é bem certo que a unidade sem a multiplicidade leva a affirmações absolutas e simplistas, não é menos certo que a multiplicidade, sem a unidade, acarreta uma

verdadeira anarchia mental, como um punhado de alimentos lançados no corpo humano, sem a elaboração da digestão, que os torne assimilaveis, ou como um acervo de pedras, de tijolos e de vigas, sem a mão do constructor, que delle levante o arcabouço de uma casa.

Outra seria a orientação, se o Estado, em logar de exigir esse minimo de preparo, e que redunda afinal num maximo de esforço, pretendesse que a escola fosse mais formativa do que informativa e seguisse a lição de eterna sabedoria do grande Montaigne, de que mais nos devemos preoccupar em ter cabeças bem feitas do que cabeças bem cheias.

Qual a ordem de nosso regulamento

Entre exigir esse amontoado de conhecimentos e attender principalmente ao desenvolvimento das faculdades dos alumnos (e uso a expressão *faculdades*, por não ter medo de palavras), entre o ensino informativo e o ensino formativo, entre encher a cabeça e adestrar a cabeça, — qual é a attitude que de nós pede o Regulamento Primario?

A segunda dessas duas hypotheses, está claro, mas no fundo, uma e outra: o nosso Regulamento quer que o nosso ensino auxilie o desenvolvimento physico, mental e moral das creanças e que effectue essa obra, fazendo com que essas creanças adquiram e assimilem um minimo essencial de informações.

Nesse particular, é digno de muita leitura e de muita meditação, pela sabedoria de seus ensinamentos, o Titulo II da Parte VII de nosso Regulamento Primario, que determina as finalidades do ensino primario, a sua verdadeira significação, o seu legitimo sentido e os novos processos de transmissão.

São duas paginas apenas e devem ellas constituir o centro de cogitação do nosso professorado de boa vontade, que ha de buscar, na sua intelligencia e no seu devotamento, os meios de attingir o magnifico ideal de educação que ali se deixa ver.

Pois bem: que é que diz, em relação aos programmas, o nosso Regulamento?

Em primeiro logar, o fim do ensino primario não é, entre nós, encher a cabeça de conhecimentos mas auxiliar o desenvolvimento physico, mental e moral das creanças, conforme se diz no artigo 249.

Tal fim é melhor explanado no artigo 252, em que se prescreve que as materias do programma do ensino primario não devem ser ensinadas, como se fossem fins em si mesmas,—isto é, que não se pretende que as creanças apenas aprendam as materias do programma, o que para o ponto de vista do Regulamento é secundario. O que o Regulamento quer é que o aprendizado de taes materias seja só o meio de desenvolver o raciocinio, o julgamento e a iniciativa das creanças, "offerecendo-lhes opportunidade de exercer o seu poder de observação, de reflexão e de invenção e de applicar as noções adquiridas".

Desses artigos de lei, que são uma pedagogia codificada, resulta claro qual a orientação que devemos imprimir aos nossos trabalhos: o ensino da lingua, da arithmetica, da geographia, das noções de coisas, de todas as materias emfim do nosso curriculum—só tem razão de ser se desenvolve o raciocinio, o juizo, a iniciativa das creanças.

E como podem taes materias desenvolver o espirito dessas creanças? Claro: da mesma maneira por que a gymnastica desenvolve o corpo. Desenvolve-se o corpo, decorando-se exercicios physicos ou regras de hygiene? Não, mas exercitando-se.

Assim tambem, toda e qualquer materia só terá vantagem, se exercitar as faculdades das creanças, se lhes agitar o cerebro, se as fizer pensar, se as levar a buscar, a inventar e a agir.

Ora, para melhor comprehendermos a nova orientação que se quer abrir ao nosso ensino e que não constitue nenhuma novidade para o mundo, porque todos os grandes homens tiveram essa educação e porque, se não a tivessem, não realizariam o que realizaram,—para melhor comprehendermos a nova ordem de idéas é bom compará-la com o que se vem fazendo ainda entre nós e qual o resultado que se vinha alcançando.

Que são as creanças para os mestres á antiga? Caixas onde se amontoam, á força, conhecimentos, factos, dados, logares, informações—verdadeiros pedaços de gelo que duram pouco e desapparecem, sem deixarem traços no recipiente, que difficilmente os conseguiu...

Mas vamos adeante.

Um programma dentro do programma official

O artigo 253 determina que os programmas devem ser organizados e executados não com a preoccupação da quanti-

dade de noções e conhecimentos a serem ministrados, mas com a do minimo essencial, tendo em vista a qualidade das noções para os usos da vida, a sua organização em torno dos centros de interesse da creança, de maneira que o ensino não seja uma memorização de factos e de dados desconnexos, mas a comprehensão de suas relações e da importancia e significação de cada um no contexto das lições, experiencias e problemas.

Por onde se vê que, para bem interpretarmos os nossos programmas primarios, é necessario que escolhamos entre o material que elles nos offerecem — o assumpto para as nossas aulas, mas que esse material não se destine a ser decorado, mas estudado e comprehendido, não se destine a encher as cabeças das creanças, mas a auxiliar-lhes o desenvolvimento physico, intellectual e moral, não se destine a formar pequeninos eruditos, mas espiritos claros, lestos e ageis.

Ensinar é escolher, e essa escolha deve fazer-se dentro dos limites do programma, mas com o criterio que o Regulamento muito sabiamente nos ministra: ensinam-se só aquellas coisas que tendam a desenvolver as creanças e repudiam-se aquellas que não provoquem nenhum exercicio, esforço e interesse.

Em summa: é necessario, de accordo com o nosso Regulamento, alcançar o desenvolvimento physico, mental e moral dos alumnos, através dos conhecimentos propostos pelos programmas e dados nas fórmas por que o Regulamento os recommenda.

Para a elaboração de programmas particulares, actuaes, concretos, vivos, dentro dos programmas officiaes, que são geraes e impessoaes, pois que não objectivam um dado meio escolar, — é necessario attender aos ensinamentos do Regulamento, que nos faculta criterio seguro.

O primeiro criterio é considerar a infancia de seu ponto de vista particular, como exige o artigo 249, e todo ensinamento, que não se refira aos motivos e interesses proprios da infancia, pode deixar de ser dado, porque é positivamente inutil trabalho.

Não se prende a interesse da infancia nem se pode ligar de alguma sorte ao seu mundo especial? Elimine-se.

O segundo criterio, para a *triage* dos programmas officiaes, é que todos os conhecimentos devem ser utilizados nas experiencias infantis e o que não for susceptivel de ser experimentado, praticado ou vivido, pode ser eliminado sem prejuizo, porque, como diz o mesmo Regulameuto, «só as noções

susceptiveis de serem utilizadas nas operações ordinarias da vida se incorporam, effectivamente, como habitos mentaes, aos seus conhecimentos.»

Tal noção não é utilizavel na vida corrente e não pode transmittir-se mediante experiencias infantis? Elimine-se.

O terceiro criterio para a elaboração de um programma é o relacionamento dos programmas officiaes com a vida real, substituindo-se os themas dos livros, sempre que possivel, pelas suggestões do meio, substituindo-se as formulas artificiaes, os symbolos, as abstracções, pelos «themas da vida ordinaria e expostos em termos da experiencia infantil.»

Segurança desses criterios

Os pontos de vista do Regulamento são sapientissimos e o que elle, antes de tudo, quer evitar é o esforço demasiado dos alumnos e dos mestres, atraz de uma erudição enorme e massuda, que se destina a viver alguns momentos na misera memoria das creanças.

Tem-se que esquecer o que se aprendeu, á custa de insanos esforços? Logo, não se estude, porque nada fica dessa louca labutação de espirito, que consiste em guardar palavras como um cofre guarda dinheiros. Não possue. Não gosa. Não lhe aproveita.

Pode-se esquecer o que se aprendeu pelos meios recommendados pelo Regulamento? Pode-se, mas é muito difficil e, embora se esqueça, os exercicios, experiencias e problemas executados são exercicios reaes, porque desenvolveram certas qualidades e agitaram certas faculdades das creanças. Não se vê, hoje, um exercicio physico feito, hontem: pode-se ter esquecido. Mas o seu resultado benefico perdura.

Nem se diga que a preocupação de desenvolver as faculdades dos alumnos, mercê de larga observação e perseverante actividade—desfalcaria de muito o cabedal de informações que elles devem ter, para entrarem na vida, porque, é bom notar, tal desenvolvimento se processará com a materia indicada nos programmas e por intermedio della. O que differença apenas um ensino de outro é o modo de transmittir: um faz a creança decorar e o espectaculo de um pequeno proferindo coisas profundas é realmente muito proprio para espantar o indigena, ao passo que o outro, em que a creança observa, com os seus sentidos, age e experimenta, com interesse, não tem o brilho illusorio dos decoradores, mas tem por certo, mais desenvolvimento intellectual, mais agudeza de visão, maior poder de iniciativa, energia, autonomia, caracter.

Deante da vida, com os seus problemas, tão bem symbolizada na esphinge periculosa e mysteriosa, o decorador vacilla e é vencido, porque não se trazem de cór as soluções: o alumno, que aprendeu de facto, só se dará por vencido, depois que a sua intelligencia, tendo percorrido a extensão do problema e tendo procurado brecha através da muralha— não conseguiu de modo algum solucionar.

O nosso regulamento adeantou-se ao que sobre esse assumpto em geral se tem feito, mesmo em grandes paizes, mas o seu pensamento cardeal, posto que muito mais amplo, de alguma maneira se ajusta com o espirito das *Instrucções* que em 1887 acompanharam os programmas francezes e que foram reproduzidas e postas em relevo pelos programmas francezes de 1923. Esse documento notavel acha-se transladado em nossa *Revista do Ensino*, em cujo numero de outubro de 1928 e a paginas 30, se encontra este periodo lapidar:

«A escola primaria não dá senão um numero limitado de conhecimentos. Mas esses conhecimentos são de tal maneira colhidos, que, não somente asseguram á creança todo o saber pratico de que terá necessidade na vida mas tambem agem sobre suas faculdades, formam seu espirito, cultivam-no, ampliam-no e constituem verdadeira educação».

Os programmas e o tempo escolar

Muitos problemas desejava hoje ventilar entre vós, referente ao assumpto escolhido, como a elaboração dos exercicios, de accordo com os programmas, a tarefa marcada para casa, que amplia fecundamente as poucas horas de trabalho dos alumnos, a pratica de experiencias, que constituem o melhor do ensino, o papel do professor na applicação e na interpretação dos programmas, e afinal, o papel preponderante que os alumnos devem tomar na elaboração e na execução dos programmas. Desejaria frisar, com vigor, que os alumnos é que applicam os programmas, elles é que os realizam e vivem e de accordo com as suas possibilidades e virtualidades é que devem ser elles traçados, e que exigir dos alumnos uma tarefa superior ao que podem é leval-os ao fracasso e habitual-os a considerar a vida humana, desde os seus primeiros passos, como um fardo insupportavel e incomportavel, é inflingir-lhes o peor dos habitos que se pode adquirir na vida: a perspectiva assidua do fracasso e a certeza da inutilidade do esforço.

Uma questão, entretanto, não póde ser passada em silencio, porque uma pratica absurda entre nós adoptada nos im-

põe discuti-la sem dilação: é a distribuição das materias do programma de accordo com o tempo escolar.

Não é possivel que continuemos a caminhar, sem uma constante ponderação do que temos feito e do que devemos fazer para o cabal cumprimento de nossa tarefa, e é necessario que engenhemos um meio de caminhar, no mesmo passo, sem precipitação nem vagar, de maneira que não se accumule para os ultimos mezes do anno a maior porção da materia, com grave prejuizo para a saude e para o proveito dos alumnos, como com pouco resultado e excessivo esforço para vós. Professores ha, aliás estudiosos e dedicados, que trabalham serenamente durante o anno, e, nos ultimos mezes do anno, vá de pegar o atrazo em poucos dias, para bom resultado dos exames. Trabalho inutil, sobre nocivo, porque em nada contribue para a cultura dos alumnos e porque póde ser de funestos effeitos para o seu desenvolvimento.

Faz-se, por consequencia, mistér que se distribuam as materias de tal geito que se deixe para cada mez uma parte, com o devido tempo para a recapitulação, e, assim, possa o professor verificar que, tendo dado a materia do mez e que a tendo recapitulado, cumpriu, de todo em todo, o programma do mez. Alguns tratadistas recommendam a divisão semanal das materias, para melhor verificação, mas a maioria vem concordando em que a divisão mensal é a melhor, porque dá mais liberdade ao professor no cumprimento do programma e não o obriga a dar esta ou aquella lição em hora que lhe pareça inopportuna. Para isso, basta dividir a materia dos programmas por numero de mezes do anno lectivo, reservando-se espaço para as revisões.

Salta claramente á vista dos que têm olhos de vêr, que uma distribuição de materia é medida absolutamente indispensavel, porque exigida pela necessidade de conciliar o tamanho do programma com o pouco tempo escolar que temos. Podemos comparar o cumprimento desse programma com o cumprimento de qualquer programma que já tenhamos tentado na vida: sessenta ou oitenta pontos de qualquer sciencia, em nosso curso de preparatorios, são bastantes para exgottá-la e enchem de terror o estudante. Distribuisse, entretanto a materia de modo que estudasse um pouco por dia — e em dois mezes estaria sabida.

E' um raciocinio infantil, bem o vejo, mas o de que temos necessidade não é de argumentos subtis, mas de argumentos simples e claros, que tanto como aquelles nos persuadam dessa verdade.

O problema da distribuição das materias, por trimestre, por mez ou por semana, tem merecido larga discussão em todos os grandes paizes e podereis encontrar, nos mestres de nos a tarefa, largo cabedal de informações para vossa melhor orientação.

O que eu quero é, antes de tudo, chamar a vossa attenção para esse serissimo problema e concitar-vos a procurar-lhe uma solução, buscando ensinamento na lição dos tratadistas e no material variado e vivo de vossa experiencia.

Para o trabalho

Vamos para o nosso trabalho e levemos a tenção firme e tenaz de remodelá-lo inteiramente, com um melhor estudo de nossos programmas e com uma repousada meditação dos principios de nosso Regulamento.

Estudemos, minuciosamente, a nossa planta e conheçamos bem o material, de que nos vamos servir.

Somos os grandes constructores da nacionalidade. E' necessario que nos repitamos a nós proprios, muitas vezes, no silencio de nossa consciencia, que a nossa missão não é apenas um officio, mas é principalmente, um instrumento de elevação do Brasil e, por todos os titulos, é uma dignidade e uma gloria. E' necessario que nos convençamos de que a humilde professora rural, atirada para um recanto desconsolado e desconsolador, lendo a sua meia duzia de livros, á luz de uma lamparina, augmentando a sua cultura e mantendo viva a sua actividade espiritual, representa uma dessas magnificas figuras humanas, deante das quaes a nossa admiração é pequenina, por maior que seja, e para as quaes todos os cidadãos devem olhar, com affecto e ternura, desculpando os defeitos que tiverem, olhando só para o bem que fazem, sem consideração de ordem alguma que não seja a grandeza de nossa terra.

MARIO CASASANTA

(Inspector geral da Instrucção).

A PSYCHOLOGIA E A EDUCAÇÃO

Conferencia pronunciada na Escola Normal de Juiz de Fóra

Só o conforto cordial deste ambiente de suave formação mental poderia me alentar a falar-vos depois que aqui se ouviram mestres consagrados no magisterio e na arte da palavra articulada. Cumpre-me, porém, obedecer e eu o faço tranquillo e feliz. Penetrarei em campo alheio, cultivado pela formosa intelligencia e cultura de meu amigo e collega dr Raphael Cirigliano. A estima que lhe consagro e o enthusiasmo despertado em mim pelo seu trabalho, influiram na minha ousada tentativa de hoje.

Elle que me perdoe a irreverencia e comvosco as falhas de que se resentirá esta breve palestra. Estou sinceramente convicto de que, si outras notaveis credenciaes de glorificação não possuisse a administração Antonio Carlos, bastaria o incentivo e modernização do ensino para impol-a, definitivamente, ao nosso apreço e admiração.

Esta Escola é uma das grandes realizações, o concretizar de um de sens sonhos de admiravel descortino.

E' nossa obrigação auxiliar-lhe a obra monumental e ás educandas cabe agradecer-lhe a obtenção do maximo de ensinamentos,

A applicabilidade dos methodos modernos em ensino abriu fortes sulcos nos dominios do pensamento humano. O mestre deixou de ser o enigma perpetuo para o educando, como este para aquelle não é apenas machina de receber ensinamentos; porém, um vasto e delicado campo de subtis observações.

Cada um de seus alumnos lhe deve merecer um carinho especial na profunda analyse do conjunto delicado que é a sua formação e estructura psychica.

As idéas novas, como outros ramos scientificos, têm em ensino a tendencia de individualizar, de personalizar, na obrigatoriedade absoluta do conhecimento pleno, do temperamento subjectivo e objectivo do estudante. A este respeito os exemplos são de todos os dias e aqui já foram expostos.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Temos os pendores contemplativos daquelles que vêm a vida sob o prisma de eterno sonho e de uma chimera, sentindo as vibrações da natureza e da vida em jactos fortes e variaveis. Suas emoções são voluveis e caprichosas como a idéa. São os cantores da natureza, os enamorados do bello, os que vêm e sentem aquillo que outros não percebem.

Por outro lado encontram-se os receptores de emoções sonoras, os interpretes da arte, os vehiculadores das harmonias, outra especie de contemplativos que se expandem atravez as modalidades especialissimas de seu espirito.

Para estes, os musicos, os pintores, artistas e esculptores, plasmadores na musica, na tela e no bronze, das bellezas que sentiram e sabem transmittir como para os anteriores, os que obedecem ao rhythmo de sua sensibilidade, á tortura da forma e á necessidade de dedilhar a lyra e de "fazer de sua dor um poema", a vida material lhes é indifferente.

Constroem um ideal, por elle soffrem e gozam infinitamente.

As intelligencias objectivas, ao contrario, seguem a tendencia de concretizar, realizar materialmente, todos os problemas e idéas que as sensibilizam.

E' o delirio das realizações!

Veremos, porém, que mesmo entre temperamentos iguaes, ao idealismo ou á noção positiva das cousas, ha differenças absolutas.

Cada um nota uma fórmula diversa de sentir e receber emoções e, portanto, transmitte-as e concretiza-as sob formas desiguaes.

Os phenomenos psychicos variam, pois, de individuo para individuo, mesmo d'aquelles que se formaram sob os influxos de um só meio de familia e, tambem, sob o imperio dos mesmos laços de sangue.

Como, portanto, se pode educar e encaminhar expansões moraes, directrizes intimas, sem o conhecimento deste mundo interior, cheio de mysterios e de bellezas?

Já dizia Remy de Gourmont "que as idéas tomam a forma dos cerebros que as contêm e que Deus é a projecção do homem no infinito".

No adagio popular: "cada cabeça, cada sentença", vemos a mesma verdade.

Servindo-nos destas phrases para o nosso raciocinio, concluiremos da diversidade absoluta do organismo espiritual, das concepções, idéas e juizos individuaes, não se computando outros factores capazes de ainda mais os modificarem.

A educação, o estado physico, o ensino moral e religioso, a cultura, o meio e outras concausas influem e alteram as

manifestações psychicas naquelles que, na experiencia da vida, conseguiram talhar a sua personalidade e consolidal-a sob uma base philosophica ou puramente pratica.

D'ahi se inferirá, conseguintemente, das diversas modalidades pelas quaes surge ao observador a alma infantil que, nas suas espontaneas demonstrações, precisa ser plasmada e rumada consoante as suas tendencias proprias.

Ahi é que a funcção educativa, conductora, dirigente e orientadora de almas em floração, attinge uma importancia fundamental. Impõe-se, claro se torna, o estudo do espirito infantil para comprehender e interpretar na observação e na analyse as faculdades da alma, a capacidade da intelligencia, os dons instinctivos, a formação da vontade e suas anomalias, o poder constructivo do raciocinio, seu gráo e valor, os illogismos dos temperamentos e todo o mundo interior da criança, que se apresenta para ser desvendado. O mestre é o garimpeiro de almas infantis.

Tem de arrebatal-as e conhecel-as e, a seguir, lapidal-as sem procurar tirar-lhes o brilho proprio que a natureza imperscrutavel lhe concedeu. Ninguem tem o direito de desviar o percurso natural de uma vocação projectando-se no rumo de uma força extranha e innata. Deve-se, pelo contrario, encaminhal-a carinhosamente.

Os methodos educativos não podem mais prescindir destas pesquizas interessantissimas, sem as quaes a missão de educar será desvirtuada e falseada.

A marcha impressionante do individualismo nos mostra que não ha methodos educativos e sim educandos, assim como no terreno da criminologia não existem crimes e sim criminosos, e no da medicina apparecem doentes e não doenças.

O que torna essencial é, em conclusão, o estudo diario e methodico do alumno para que no decorrer das impressões, por elle proporcionadas, se possa effectivar o estudo do seu Eu com todo o conjuncto de qualidades e anomalias.

Este campo de exames psychicos é relativo. Falha como todos os productos da actividade humana. A observação do alumno não deve ser feita, de modo exclusivo, na sua propria pessoa, de accordo com as tendencias naturaes de seu Eu, do ambiente, do meio educativo familiar, a par de costumes, antecedentes e ascendentes O individuo, quasi sempre, revela dois temperamentos. Um, quando sua alma obedece aos impulsos isolados de sua intelligencia e á pressão de sua vontade. Outro, quando se apresenta em ligação com outros companheiros.

Ahi forma-se a massa que absorve a timidez de uns e a bondade de outros. Ha completas metamorphoses, quando os individuos se aggregam.

Forma-se então a massa, que irrompe victoriosa, a multidão inconsciente no desdobrar da alma collectiva.

Nem sempre os de intelligencia mais apurada e os de senso mais christallizado são os que dominam e formam o ambiente collectivo. O triumpho pertence, na maioria das vezes, aos que mais capacidade nervosa demonstram, aos mais activos e possuidores da arte de falar e de uma irradiação hypnotica de sua vontade.

Dahi, o apregoado perigo das multidõer, os «estouros das boiadas» de que nos falaram em phrases immortaes Ruy Barbosa e Euclydes da Cunha. Todos os detalhes da estructura psychica do educando merecem o culto de uma observação meticulosa e precisa.

Não devemos descurar o capitulo das emoções, de que anterior e ligeiramente falámos. Como impressões photographicas, a alma recebe, diversamente, os reflexos das cousas e objectos, que se lhe apresentam.

Estas mutações, observadas desde a divisão principal dos temperamentos em subjectivos e objectivos,—um dos pontos brilhantemente esplanados pelo abalizado professor de psychologia,—são ainda susceptiveis de outras influencias, não menos fortes e não menos profundas. Em se tratando de paixões, emoções exaggeradas ou avolumadas pelo habito, o assumpto ainda se torna mais digno de estudo. Si, em verdade, cada um tendo uma sensibilidade especifica, recebe, diversamente, uma emoção ao contacto do mundo externo, muito mais cumplexo é o problema sob o ponto de vista das paixões, que nascem justamente quando o sentimento domina e a vontade é vencida. Ao adulto intellectualizado, de vontade bem dirigida, é possivel reagir no periodo emocional e quando percebe a quéda de seus actos volitivos.

Infeliz, porém, do homem inculto, agindo sob a força impressionante de seus instinctos desencadeados! Para Aristoteles, "paixão é o que, nos modificando, produz differenças nos nossos juizos e que é seguido de pena e de prazer. Taes são por exemplo, a colera, a piedade, o medo e todas as impressões analogas, bem como suas contrarias". Afranio Peixoto acceitou a seguinte divisão das paixões:

Paixões constitucionaes ou instinctivas, expressão original de uma personalidade: as mais moderadas e as mais chronicas—a ambição, a avareza, a inveja, a mentira, preguiça, vaidade, etc.

Paixões antagonistas, desvios ou alterações do caracter normal, superpostos á personalidade primitiva, dando origem aos conflictos de sentimento que se julgavam caracteristicos de todas as paixões—o amor—paixão, a paixão do jogo...

Paixões substituvas que, depois de um periodo de incubação e de lucta, tomam posse da consciencia, substituindo a personalidade anterior: são as mais cégas e irresistiveis e mais proximas da loucura — o fanatismo, o odio, o ciume-paixão.

Mais nos interessam as constitucionaes, que parecem ser complemento da alma individual, como expressão da personalidade.

Si é verdade que, ás vezes, ellas apparecem após a juventude, na maioria dos casos, se manifestam em plena infancia.

Assim a ambição, avareza, inveja, vaidade, etc. São sentimentos instinctivos, que a intelligencia assimila sem querer; a vontade acceita de concessão em concessão e, depois, se tornam, realmente. um reflexo vivo da personalidade.

O estudo psychologico da infancia faculta ao educador conhecer, ainda embryonarios, os germens destes sentimentos que se fecundarão em seu intimo e, em breve, tornar-se-ão absorventes paixões.

Bons de inicio, ou máos, devem, pela directriz firme e inflexivel do educador, investigador das almas em flor, ser encaminhados com serenidade, sem disturbios e excessos perniciosos, ou combatidos com vigor para que mais tarde o mal não se torne irremediavel.

A funcção educativa é, neste ponto de vista, que comporta longas explanações, eminentemente social.

E' o preparo do homem de amanhã, a quem incumbirão as pesadas responsabilidades do lar e da familia, na formação de uma Patria nova e de uma raça varonil. A Psychologia experimental, com todas as suas notaveis expansões realizadas, abolindo velhos preconceitos, esmagando o atrazo, allian lo-se á pedagogia, abriu-lhe novos surtos e á sciencia um campo vasto de extraordinarias investigações. E' irrecusavel o numero de obstaculos, que se encontram nestes estudos, voltados para o que de mais delicado possue o individuo, isto é, a sua alma. Si as analyses sobre as cousas corporeas são ainda susceptiveis de erros, com muito mais razão neste ser incorporeo e imponderavel, que é o espirito, fóco da intelligencia, da vontade, da sensibilidade e de todas as expressões do interior humano.

As conquistas scientificas; formidaveis e irresistiveis, constituem, porém, fortes clarões annunciando a verdade, espancando as trevas do passado.

O dominio psychologico experimental nos limites da pedagogia entre os povos cultos já é um facto irrecusavel. Minas Geraes não poderia permanecer indiferente ao movimento progressista que se enraizou entre outros paizes e no nosso com banimento dos methodos reputados classicos e aos clarões das doutrinas de uma sciencia irreverente e conquistadora.

Praza aos ceus que consigamos sahir das trevas do analphabetismo e affirmar, muito breve, que o Brasil, impellido pelo valor de seus filhos e pelas luzes da sciencia confortadora, já alcançou, na historia dos povos, o logar digno de suas aspirações e idéas.

Muito ao longe vae este arremedo de conferencia.

Agradeço-vos o comparecimento, e mais do que tudo, a benevolencia de vossa attenção.

Ha dias na vida em que o coração não pode conter os sentimentos que no intimo lhe tumultam. Eu gozo hoje desta ineffavel alegria de ver-vos, de me sentir envolto na doçura deste ambiente de encantos e de carinhosa affinidade espiritual.

Concito-vos, meus amigos e collegas, a manter-vos firmes e indissoluveis, solidarizados pelo mesmo proposito de amor ao ensino e de affecto, na campanha iniciada, indifferentes ao amargos despeitos e á intriga que nos venham bater á porta.

Unamo-nos hombro a hombro e, sob o estandarte de nossa solidariedade pelo leme vigoroso de João Massena, nosso amigo e director desta casa, levemos a porto firme esta náo, depositaria justa de nossos sonhos e esperanças.

FRANCISCO DE SALLES OLIVEIRA

(Professor da Escola Normal de Juiz de Fóra)

O METHODO INTUITIVO

A' distincta professora Luiza Valladares)

1. Comenius, considerado como o maior pedagogista do seculo XVII, é o «pae do methodo intuitivo», conforme lhe chamou Michelet. Elle assim se expressa em uma de suas obras:—«Porque, em logar dos livros mortos, não abrimos nós o livro vivo da natureza?... Instruir a mocidade não é inculcar-lhe um montão de palavras, de frases, de sentenças, de opiniões recolhidas nos autores, é abrir-lhe o entendimento pelas cousas... Cumpre offerecer á mocidade, não as sombras das cousas, mas as proprias cousas, que fazem impressões nos sentidos e na imaginação. A instrucção deve começar por uma observação real das cousas, e não por uma descripção verbal».

2. Que ensinamos ao menino? pergunta Rousseau. «Palavras, ainda palavras, sempre palavras». As cousas, as cousas, repete elle incessantemente. «Eu não me cansarei jamais de dizer que nós damos demasiado poder ás palavras.»

3. «No que eu tenho feito, onde está meu trabalho pessoal? perguntava a si mesmo Pestalozzi. Eu enunciei o principio superior, que domina a sciencia da educação, no dia em que reconheci no methodo intuitivo o principio absoluto de todo o conhecimento».

4. O intuitivo genial que foi Camões, exprime-se por esta forma:

«Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando imaginando, ou estudando;
Sinão vendo, tratando e pelejando.»

5. A observação, ou em outros termos, a intuição, é o começo necessario de todo o ensino, bem como de toda a sciencia. G. Compayré.

6. O ensino verbal forma uma memoria e não uma convicção. O ensino intuitivo, em seu dominio, tem efficiencia muito diversa; elle produz a convicção, elle a forma, e predispõe a agir segundo a convicção, isto é, a ter um caracter. R. Ardigó.

7. A separação radical do estudo e da vida é a peor herança da escolastica, uma herança que podemos renunciar com a condição de applicar os methodos activos, dos quaes o methodo intuitivo é o principal. G. Richard.

8. A lição deverá ser objectiva, de modo que a personalidade da professora desappareça, não deixando mais em evidencia sinão o objecto sobre o qual ella deseja attrahir a attenção do alumno. M. Montessori.

9. O essencial não é derramar, na memoria da creança, noções que ella receba passivamente *mas leval-a a prestar attenção, a observar, a reflectir, a procurar*... J. Payot.

10. Ensinar ao menino pelos livros o que elle pode aprender por meio da vista constitue verdadeiro crime pedagogico. M. Goné.

11. *Mostrar* é o termo popular e o termo infantil para dizer : *instruir*, e é o termo exacto. Ensinar não é explicar, é fazer ver. L. Dugas.

12. Nós nos lembraremos desde logo que o menino é antes de tudo um intuitivo. Elle se acha no periodo da vida, em que precisa de fazer muitas observações, constatar muitos factos e armazenal-os na memoria, que possue então toda sua vivacidade e toda sua frescura. L. Jacyet.

13. O melhor livro é o da natureza, e o melhor material didactico são os objectos que por toda a parte se encontram. Carneiro de Moura.

14. Estuda as ruas, estuda a cidade onde vives; si amanhã fores forçado a deixal-a, has de alegrar-te, tendo-a bem presente na memoria e podendo percorrel-a toda com o pensamento. Estuda a cidade nas suas ruas e na sua gente, ama-a bem; e quando ouvires injurial-a, defende-a. Edmundo de Amicis.

15. O maior erro na educação consiste em formar o menino fora da natureza e querer instruil-o exclusivamente por meio dos livros. J. Dewey.

16. O methodo intuitivo trará como consequencia immediata a educação dos sentidos. Os organs destes, principalmente os olhos e as mãos, tornar-se-ão machinas de aprender. Os olhos se transformarão em preciosos apparelhos de observação, e as mãos, em admiraveis instrumentos de trabalho.

17. O methodo intuitivo mantem a actividade dos alumnos, que desde logo se fazem collaboradores de sua propria educação. O professor não se interpõe constantemente entre elles e o objecto de estudo. Proporciona-lhes o necessario ensejo e permitte-lhes que satisfaçam a sua curiosidade. Torna o ensino experimental, fazendo que os alumnos falem, escrevam, desenhem, modelem, inventem, trabalhem.

18. Outra vantagem da intuição está em que ella offerece aos alumnos grande quantidade de factos, que os levam a habituar-se com a realidade e podem tornal-os mais tarde observadores perspicazes, além de enriquecer-lhes a memoria com recordações uteis e agradaveis.

SÉDE ESCOLAR

A séde escolar com os seus arredores é uma installação magnifica do methodo intuitivo. Seja grande cidade ou cidadezinha, villa, arraial, povoado ou fazenda, a localidade da escola offerece sempre um ambiente esplendido para o cultivo da intuição.

Cada professora deveria estudar a sua terra, afim de utilizar-se della em favor do ensino, incorporando-a na sua escola, como um grande museu devidamente catalogado. Desta forma, todas as escolas passariam a ter museus, tanto menos dispendiosos quanto se acham confiados á guarda e conservação do povo.

Por duas vezes, um director de grupo, que conheci, percorreu primeiramente, em dias seguidos, a sua cidade, visitando todas as familias, sem excepção de uma só, para fazer propaganda da frequencia escolar, e mais tarde andou pela mesma localidade e seus arredores, observando grande numero de logares para organizar o programma de excursões. Si assim procederem, os directores de grupos e as professoras, alem de garantirem a frequencia, ficarão dispondo de excellentes meios intuitivos.

Ainda não se fez do alumno um excursionista. A professora já lecciona de pé, em movimento pela sala, mas ainda não se comprehende o alumno sem estar assentado, e ás vezes privado do uso de suas mãozinhas.

Longe de mim condemnar os assentos nas escolas. O que desejo fazer resaltar é ser o assento cousa accessoria, e não essencial. Elle não se destina á quietação do alumno, mas á commodidade do estudo. Fiquem, pois, os alumnos como melhor convier ao trabalho da hora. O essencial é que elles se interessam pelas lições. Ora, como nem se póde trazer a intuição para dentro da escola, cumpre levar esta para fóra, para a natureza, para a povoação escolar. Dahi, tornar a classe excursionista.

Da parte da professora ha que saber, para esse fim, tres cousas: conhecer bem a séde da escola; organizar um plano de excursões, para o que lhe apresenta o programma de ensino uma serie de themas; saber tirar de uma excursão o

necessario proveito. Experimente a professora ser excursionista escoteira: vá sozinha de vez em quando fazer uma excursão, leve seu caderno de notas, realize observações, tome apontamentos, e depois verifique os resultados obtidos.

Não ha remedio sinão a professora modernizar-se, enrijar-se, desvencilhar-se, transformar-se. Para ella vencer na vida profissional, competindo com o homem, antes de tudo lhe cumpre aperfeiçoar o seu trabalho, tornando-o bastante productivo, acompanhando de perto o movimento educacional, que vae transformando o mundo civilizado.

A acertada applicação do methodo intuitivo na escola primaria, levando o menino a estudar e a comprehender o meio physico e social de sua residencia, isto é, a séde escolar, constitue o mais bello e o mais nobre galardão, a que póde aspirar uma professora conscia de seus deveres e responsabilidades.

MEIOS INTUITIVOS

A séde da escola proporciona ao ensino, mediante as excursões, o processo intuitivo directo, mas, porque este não abrange todos os pontos do programma primario, importa que se organize o museu escolar, segundo o plano já officialmente adoptado. Constituido o museu, claro está que é preciso utilizar-se delle.

O desenho, conjunctamente com uma de suas importantes fórmas didacticas, que é a cartographia, representa na escola o mais prompto dos meios de intuição. Elle póde supprir os outros processos, directos e indirectos do methodo intuitivo. A professora o tem nas mãos, sem depender sinão do giz e do quadro. Ao mesmo tempo, o desenho disciplina e desenvolve a capacidade de observação, sendo por isso um valioso meio acquisitivo de conhecimentos.

"Hoje, infelizmente, diz um illustre pedagogista brasileiro, os professores, em regra, não desenham; e quando o fazem, são demasiado parcimoniosos e lentos: é uma falha pedagogica lamentavel".

O desenho no curso normal deve ter por fim a sua applicação no ensino primario. Constitue um meio de preparo technico do professor, que irá utilizal-o na regencia de sua classe. Releva, pois, que no ensino de desenho não se perca este ponto de vista utilitario: aprender o desenho para applical-o como meio intuitivo. Não se trata da formação de um artista, e sim da preparação de um professor primario.

O que o normalista deve saber fazer são *croquis* e eschemas correctamente traçados, não só para illustrar as lições,

dando-lhes fórma clara, concisa e exacta, mas tambem para desenvolver o gosto esthetico, despertar o interesse e attrahir a attenção dos alumnos.

O quadro negro e o taboleiro da areia são apparelhos indispensaveis ao ensino intuitivo. O primeiro já se acha introduzido em nossas escolas, fazendo parte integrante da sala da aula. Elle é um bom auxiliar e um bom julgador do trabalho didactico. Dá testemunho do aproveitamento dos alumnos e da aptidão da professora. E' por meio do quadro que esta corrobora o valor de sua palavra. Ahi apparece então o desenho como um dos principaes predicados da professora.

O taboleiro de areia não está ainda geralmente usado nas escolas. Urge adoptal-o, principalmente no ensino de geographia, onde representa papel importante, sendo ahi um meio de intuição insubstituivel.

Não me parece plausivel a prohibição regulamentar das ardosias individuaes. A ardosia é um pequeno quadro negro portatil, economico e necessario. Em recente numero de conceituada revista pedagogica, que se publica na Suissa, li o seguinte modelo de composição:—"Minha ardosia é muito util. Nella eu escrevo calculo e desenho. Conservo-a muita limpa e tenho cuidado de não deixal-a cahir, para evitar que se quebre".

Tratando-se de meios intuitivos, não é possivel esquecer o cinema escolar. Seriam de inegualavel valor para o ensino as fitas, que versassem principalmente sobre a hygiene e sobre a chorographia e a historia do Brasil. O cinema escolar é assumpto digno de ser estudado pelo Governo Estadual.

ESCOLA-OFFICINA

Denomina-se principio energetico o principio do trabalho applicado á educação. "Todo o trabalho do professor, diz Compayré, não tem sinão um fim, — fazer o alumno trabalhar". Tanto vale dizer que a escola deve possuir a actividade da officina.

"A intuição, no dizer de François Guex, é a experiencia pessoal directa". Para mim, ella é o verdadeiro trabalho escolar: transforma em officina a escola, creando a escola-officina.

Quem visitasse a escola encontraria todos os alumnos occupados, ou com essa ou com aquella disciplina. Mais do que olhando ou ouvindo, elles estariam trabalhando; mais do que mantendo silencio, estariam desenvolvendo actividade; mais do que guardando posição correcta, estariam concentrando attenção proveitosa. O ensino pelo trabalho e para o trabalho.

Mas, na escola-officina haverá necessariamente trabalho pessoal dos alumnos. Com elle será conciliavel o systema simultaneo, unico exequivel nas escolas primarias, devido á sua grande frequencia? Responde-nos um eminente mestre: "Uma das principaes qualidades do professor consiste precisamente na habilidade de conciliar as necessidades que proveem de educação collectiva com o livre desenvolvimento da personalidade de cada menino".

A solução deste problema depende das seguintes condições: adaptar as aulas ao trabalho pessoal; dirigil-o convenientemente, cooperando para a sua realização. A aula de escripta é um caso typico desse genero: a classe toda fica occupada, ao mesmo tempo que cada alumno faz o seu trabalho pessoal sob a direcção e collaboração da professora.

As aulas de linguagem escripta, desenho, cartographia, canto, exercicios physicos e trabalhos manuaes, pela sua propria natureza, conciliam o systema simultaneo com o trabalho concomitante de cada um dos alumnos.

Na hora de ler, cada alumno effectuará em seu livro leitura silenciosa, segundo já se faz geralmente, acompanhando a leitura oral de um delles. Todos estarão assim occupados.

Torna-se necessario o uso individual da ardosia no ensino de arithmetica e de geometria, para os alumnos seguirem os exercicios dados no quadro. Neste caso as aulas funccionarão pelo modo preconizado.

O programma official de noções de cousas pelo methodo Decroly, que merece das professoras a maxima attenção, é bastante claro, desenvolvido e interessante, dando facil ensejo para prehencher utilmente o tempo da classe e de cada alumno em particular.

As instrucções para o ensino de sciencias naturaes moldam-se estrictamente ao methodo intuitivo. Si a professora as puzer em pratica, ellas conduzirão os alumnos a observações frequentes e interessantes. Os centros de interesse, donde se irradia o referido ensino, provocarão meios faceis para cada alumno exercer sua actividade dentro do trabalho realizado pela classe.

O ensino de geographia está ligado ás excursões escolares, á modelagem e a cartogrophia. E' necessario fazer a classe observar a natureza e os centros de trabalho, modelar no taboleiro da areia as observações feitas, executar exercicios cartographicos. A geographia local, porque é dada no primeiro anno e deve firmar-se no estudo directo da séde escolar, requer da professora ensino muito claro e muito exacto, pois

essas noções iniciaes vão abrir caminho para a comprehensão das cartas geographicas. Ahi cumpre antepor a qualidade do ensino ao seu valor quantitativo. Bem organizadas que estejam, as aulas de geographia serão mui proprias para proporcionar trabalho a todos os alumnos da classe.

A historia do Brasil começa, no curso primario, pela historia local. O quadro chronologico da localidade escolar, que é recommendado pelo programma e que compete á professora fazer, servirá para orientar a classe na observação dos logares e objectos historicos. Cada alumno poderá, por si mesmo, realizar essa observação, desde que a professora souber despertar-lhe para esse fim a curiosidade e o interesse.

Nos dois ultimos annos, com os meios intuitivos de que dispuzer, como quadros, mappas, vistas, photographias, cartões postaes, desenhos no quadro, etc., a professora conseguirá verdadeiro encanto para suas lições, não somente revivescendo, aos olhos das creanças, o passado de nosso paiz, mas tambem evitando para ellas o trabalho fastidioso de decorar pontos. Desta sorte, a aula funccionará em plena actividade.

Ainda nos exercicios de linguagem oral, que são preparativos dos exercicios de redacção, os alumnos, quando já souberem escrever, poderão servir-se de cadernos para tomar notas, ficando assim toda a classe entregue ao trabalho.

O ensino de hygiene ha de ser o mais pratico possivel. A professora não se contentará de passar a revista de asseio: ella habituará os alumnos a revistarem seu proprio asseio. Mas, quando o alumno não puder assear-se, cumpre á escola fornecer-lhe o necessario recurso. O asseio pessoal do alumno é medida de urgencia na escola. Cada um apresentar-se limpo para ser asseada a classe, eis a formula da solidariedade escolar do asseio.

Resta falar na instrucção moral e na instrucção civica. A primeira está compendiada pelo programma nos *reclames escolares* e nos *deveres sociaes do alumno*; a segunda acha-se consubstanciada em as *normas civicas*. Cabe á professora fazer os alumnos compenetrarem-se desses deveres e cumpril-os, cooperando para esse fim com a sua sympathia vigilante. Nesse ponto a escola se transforma em officina de civismo e de sociabilidade.

Assim, teremos feito escola activa, escola do trabalho, escola-officina; teremos conciliado, dentro do methodo intuitivo, o systema simultaneo com o trabalho pessoal do alumno. Ainda que pareça paradoxal, teremos individualizado o systema simultaneo.

APPLICAÇÕES

Sem intuição, pode-se affirmar, não ha ensino primario. E' illusorio o ensino puramente verbal. Elle não penetra no entendimento infantil, fala uma linguagem incomprehensivel para as creanças, por isso mesmo torna-se aborrecido para ellas, causando indiciplina, infrequencia, desanimo e descrença. O verbalismo constitue na escola primaria um crime de lesa-infantilidade.

Compenetrem-se as professoras de seu supremo dever, que está na applicação do methodo intuitivo. Baseiem sempre suas lições na observação e na experiencia. Lembrem-se constantemente de que ensinar é mostrar, é dizer como se faz, é fazer para os alumnos verem, e de que aprender é observar, é exercitar-se, é fazer. Nessa estrada real encontram-se as applicações do methodo intuitivo.

As instrucções e os programmas do ensino primario são bons orientadores do trabalho didactico. Depois de consultar ahi as lições do dia, a professora deve reflectir nos meios intuitivos de apresental-as, e certamente conseguirá descobril-os cada vez melhor. O nosso trabalho, quando lhe cuidamos bem, sabe transformar-se em diligente cicerone, que nos conduz ao logar certo.

FIRMINO COSTA

(Director technico do Curso de Applicação

OS NOSSOS CONCURSOS

Encerraram-se no dia 10 de abril findo mais dois concursos da serie organizada pela «Revista do Ensino», e que tanta repercussão despertaram nos circulos do professorado mineiro.

O primeiro girou em torno do seguinte enunciado:

«Verbo. Quaes as formas (modo e tempo) que devem ser ensinadas no curso primario, e como se deve ensinar a sua conjugação?»

Enviaram contribuições a esse certame 19 pessoas, que são: José Luiz de Mesquita, Lavras; Maria Amelia de Souza Mattos, Conceição dos Ouros; Marianna Ernestina Corrêa, Passos; Cifra Lacerda, Carangola; Fausto Gonzaga, Além Parahyba; Um aposentado; Quirino Pires de Lima, Carangola; José Emygdio de Lima, S. Sebastião do Paraiso; Esther Gilda Ribeiro, Cambuquira; Iracema Almeida, Ouro Branco; Pedro Juvencio de Souza, Carmo da Cachoeira; Aristides Patricio d'Araujo, Monte Alegre; Maria José Moreira de Barros, Bello Horizonte; Nivia Clara Benjamin Monção, Retiro de Contagem; Maria Martins de Almeida, Osorio de Almeida; Romeu Venturelli, Christina; José Coelho de Lima, S. José da Lagôa; José Americo da Costa, Resende Costa; Aniceto Alcino de Medeiros, Juiz de Fóra.

O segundo concurso constou de aulas-modelo sobre qualquer ponto ou materia do programma primario, e nelle se inscreveram 30 pessoas, que figuram na lista abaixo:

Pelino Cyrillo de Oliveira, Juiz de Fóra; Irene de C. Breyer, Bicas; Maria Amelia de Souza Mattos, Conceição dos Ouros; Marianna Ernestina Corrêa, Passos; Onissia de Almeida Mendes, Claridade; Cifra Lacerda, Carangola; Edesia Corrêa Rabello, Bello Horizonte; Fausto Gonzaga, Além Parahyba; Ruth Brandão, Vespasiano; Jair Guimarães de Paula, Alvorada; Aramita Alves dos Santos, Mattosinhos; Antonieta Anastacio, Santo Antonio do Rio Acima; Sophia Fernandes, Carvalhos; Maria de Oliveira Paiva, Campo Bello; Aurea-Maria Santos, Mar de Hespanha; José Alipio Braga, Bom Jesus da Cachoeira Alegre; José Emygdio de Lima, S. Sebastião do Paraiso; Maria Martins Leite, Osorio de Almeida; Luiz Ducca, Campestre; Iracema Almeida, Ouro Branco; Pedro Juvencio de Souza, Carmo da Cachoeira; Rita Carvalho, Passa Vinte; Isabel Bastos, Juiz de Fóra; Emerenciana Ferreira da Silva, Itabirito; Hilda de Carvalho, Vespasiano; Nivia Clara Benjamin Monção, Retiro de Contagem; Rita Cassiana Martins Pereira, Sabará; Maria de Barros Leite, Caeté; Aniceto Alcino de Medeiros, Iuiz de Fóra; Maria da Conceição M. Siqueira, Jacutinga

Depois de examinar detida e escrupulosamente todos os trabalhos apresentados, a commissão julgadora resolveu fazer a seguinte classificação:

CONCURSO SOBRE O VERBO

1º logar, José Emygdio de Lima, professor do grupo Escolar «Campos do Amaral», de S. Sebastião do Paraiso:

2º logar, José Americo da Costa, director do grupo escolar de Resende Costa.

3º logar, Romeu Venturelli, director do grupo escolar de Christina.

CONCURSO DE AULAS-MODELO

1º logar, Rita Cassiana Martins Pereira, directora do grupo escolar de Sabará.

2º logar, Edesia Corrêa Rabello, professora da Escola Normal de Bello Horizonte.

3º logar, Fausto Gonzaga, director do grupo escolar de Além Parahyba.

4º logar, Irene de C. Breyer, professora do grupo escolar de Bicas.

A estes concorrentes foram conferidos premios, constantes de obras pedagogicas de real valor.

Proseguindo na rota que se traçou, a «Revista» abriu tres novos concursos, com encerramento marcado para o dia 10 de maio corrente, e que assim se enunciam:

1º E' o dictado o unico meio de se ensinar orthographia na escola primaria? Em caso contrario, quaes os meios que se devem empregar para tal ensino, além do dictado? (Premios ás duas melhores respostas).

2º O museu escolar, qual a sua utilidade e como se deve organizal-o. (Premios ás duas melhores respostas).

3º Aulas-modelo sobre qualquer ponto das disciplinas do programma primario. (Premios aos tres melhores trabalhos).

Toda a correspondencia relativa aos concursos deve ser remettida á «Revista do Ensino», Secretaria do Interior, Bello Horizonte.

OS TRABALHOS PREMIADOS

CONCURSO SOBRE VERBO

São os seguintes os trabalhos premiados no concurso sobre verbo:

Verbo: Quaes as formas (modos e tempos) que devem ser ensinadas no curso primario e como se deve ensinar a sua conjugação?

I—FORMAS QUE DEVEM SER ENSINADAS

Tempos — todos, menos o mais que perfeito e os compostos.
Modos — Todos, menos o infinito pessoal.

Razões — O mais que perfeito não faz falta; nunca é usado pelo povo.

Ninguem erra nos compostos. Os compostos com o verbo SER, que offerecem alguma difficuldade, servirão para uma lição de concordancia.

O infinito pessoal, além de ser pomo de discordia, é naturalmente substituido pelo finito; além disso, os tratamentos *você* e *senhor*, unicos usados pelo povo, pedem a 3ª pessoa, que se confunde com o infinito impessoal.

II—COMO SE DEVE ENSINAR A CONJUGAÇÃO

Recommendações previas.

1—Os alumnos gostam de recitar. Em vez de *conjugar verbos*, digamos-lhes *recitar verbos*. Podem até gesticular.

2—Banir o costume de se estudarem as conjugações em separado.

3—O verbo *Pôr* será estudado mais tarde, comparado com o *Dever*.

4—*Nome do verbo* e não do *infinito impessoal*.

5—*Presente* e não *indicativo presente*.

6—*Passado* e não *Preterito perfeito*.

7—O *Preterito imperfeito* chamar-se-á *passado antes do passado*.

8—*Futuro de incerteza* e não *futuro do indicativo*.

9—*E' preciso que* em vez de *subjunctivo*.

10—*Futuro de incerteza* e não *futuro do subjunctivo*.

11—Substituir *elle, ella, elles, ellas*, por *você, vocês*, facilitando-se dest'arte a redacção de cartas na 3ª.

12—Depois de bem aprendida a recitação, guerra aos pronomes claros.

FUNCÇÃO DO VERBO

Escreva-se no quadro:

João matou o filhote

Bonita ou feia, a acção do João? Qual a palavra que está mostrando a acção?

A experiencia tem-nos mostrado que a resposta é exacta: "matou"

Então *Verbo* é a palavra que mostra a acção.

CONJUGAÇÕES

Pedir a um alumno as primeiras quatro vogaes:

A E I O

Accrescentar um—R—a cada:

1ª em AR, como *amar*.
2ª em ER, como *dever*.
3ª em IR, como *partir*.
4ª em OR, como *pôr*.

CORPO DO VERBO

Notar que:

1—O verbo tem *corpo*.

2—Que para conseguir o *corpo*, é só tirar AR, ER, IR, OR.

3—Que o *corpo* está presente em todos os tempos e modos (refiro-me aos verbos regulares).

Agora a classe está prompta para recitar, _ntas, as tres primeiras conjugações.

PRESENTE—As primeiras pessoas do singular têm o *corpo* mais *o*.

Só a primeira tem *A* porque termina em AR; nas outras é só trocar o *A* por *E*. O alumno corrigirá natur lmente a differença que ha na 3ª.

Poucos meninos dirão *partemos* em vez de *partimos*.

Imperativo—A propria classe deve tiral-o do presente: formas de *tu* e *vós* sem os *ésses*.

Passado—Fazer notar esta quasi semelhança de sons: *aste*, *este*, *iste*. Na 1ª domina o A de AR; na 2ª o E de ER e na 3ª o I de IR.

Passado antes do passado—Menos no *corpo*, 2ª e 3ª são eguaes.

Futuro de certeza—Costumo dizer aos alumnos, com proveito, que este tempo é *pontudo*. São eguaes na 1ª o A de AR, na 2ª o E de ER e na 3ª o I de IR.

Condicional—Parecido com o *futuro de certeza*.

Eguaes na 1ª o A de AR; na 2ª o E de ER e na 3ª o I de IR.

E' preciso que—Só na 1ª termina em E. Nas outras A.

Imperativo negativo—Tire-o a propria classe do *E' preciso que:* formas de *tu* e *vós* tem os *ésses* e *Não* em logar de *tu* e *vós*.

Futuro de incerteza—Com as mesmas terminações. Na 1ª A de AR, na 2ª E de ER e na terceira I de IR.

Imperfeito do subjunctivo—E' só *asse*, *esse*, *isse*, toda vida.

Participios—Não offerecem difficuldades.

Applicação—Cartas; textos para corrigir; distribuir cartões com fórmas verbaes, para os alumnos classificarem testes.

Merecem especial attenção os imperativos:—escreva o professor verbos no quadro. Com estes verbos os alumnos darão ordens uns aos outros. Depois farão pedidos. Chamarão.

Não admittam os alumnos erros de verbos, corrigindo os collegas faltosos, mesmo que a aula não seja de lingua materna.

JOSE' EMYGDIO DE LIMA

O verbo é a alma da phrase. Cumpre, pois, ao alumno sabel-o bem, para empregal-o convenientemente, podendo, assim, dar mais belleza á forma de sua graciosa linguagem.

Descobre-se que uma pessôa conhece bem o verbo, quando sabe manejal-o na phrase, a tempo e a geito, e não quando somente recita toda uma enfiada de modos e tempos de uma conjugação decorada. O examinador quer certificar-se do bom emprego que o examinando dá ás palavras; não lhe vale ficar sabendo que a criança tem enorme facilidade

em decorar os pontos. Elle não examina papagaios: vê deante de si um ser humano dotado de intelligencia e de razão. As sras. professoras não devem, por conseguinte, ser victimas dessa mania de exigir da classe a conjugação decorada, unicamente.

Não façam do alumno a machina que não trabalha senão quando encontra quem lhe dê e lhe solte a corda. Esforcem-se por collocal-o á altura das lidimas funcções de creatura racional, encaminhando-o bem na vida pratica, onde elle terá de agir por si proprio. Si a memoria é simplesmente auxiliar da intelligencia, a docente deve fazer o discente raciocinar, antes de decorar.

No estudo do verbo, ora em questão, a professora, ao ensinar, primeiro, as formas mais usadas e, em seguida, as que deixam de ser usadas por não serem conhecidas, não deve conduzir a classe no terreno da abstracção. Jamais! e em estudo de qualquer materia. Exemplificar sempre. Ponha o verbo em uma phrase e mande o menino conjugal-o. Dois verbos podem ser conjugados simultaneamente:

Eu "faço" o exercicio, porque a professora o "pede"—etc.
Eu "fiz" « « « « « « "pediu".
Eu "teria feito" o exercicio, si a professora o "tivesse pedido".
Assim por deante.

Quaes são, agora, as formas que a criança deve aprender em primeiro logar? Devem ser, é claro e logico, as que ella mais emprega em sua linguagem infantil:

MODO INDICATIVO—Tempos:

Presente: eu "gosto" de papae, etc.
Pret. imperf: Eu "estudava" minha lição, etc.
Pret. perfeito: Eu "fui" á missa, etc.
Pret. perf. comp: Eu "tenho visto" outros livros, etc.
Pret. m. q. perf. composto: Eu já "tinha feito" minha conta, etc.
Futuro: Eu "trarei" outro lapis, etc.

MODO SUBJUNCTIVO—Tempos:

Presente: Mamãe quer que eu "faça" isto, etc.
Pret. imperf: Si eu "soubesse" a lição .. etc.
Pret. m. que perf. comp: Si eu "tivesse escripto" a carta... etc.
Futuro: Quando eu "souber" tudo... etc.

MODO CONDICIONAL—Tempos

Pret. imperf simples: Eu "iria" ao campo, si... etc.
Pret. imperf. comp: Eu "teria ganho" parabens, si tivesse estudado mais.

NOTA—O condicional composto e o m. q. perfeito composto do subjunctivo deixam, ás vezes, de ser empregados, por as crianças não os conhecerem bem.

MODO IMPERATIVO—POSITIVO E NEGATIVO:

"Cumpra" eu o meu dever e não "tema" as consequencias.
"Cumpre" o teu dever e não "temas" as consequencias.
"Cumpra" o seu dever e não "tema" as consequencias.
"Cumpramos" o nosso dever e não "temamos" as consequencias.
"Cumpri" o vosso dever e não "temaes" as consequencias.
"Cumpram" os seus deveres e não "temam" as consequencias.

MODO INFINITIVO—TEMPOS:

Presente pessoal—Uma cousa para eu ver,
Uma cousa para tu veres, etc.

Presente impessoal—Vou "chamar" meu irmão.
Vae "buscar" o livro.
Procure sempre "proceder" bem.
A professora mandou-nos "ler".
Quereis vós "ser" meu conselheiro?
Podem "ir" embora.

NOTA—Convem aqui a professora lembrar ao alumno a differença ou semelhança de forma do infinito e do futuro do subjunctivo. Ex:

Para eu "ver", si eu "vir".
Para você "fazer", si você "fizer".
Para eu "ler", si eu "ler".
Para eu "buscar", si eu "buscar".

A classe conjugará o verbo na phrase; depois, de cór, recitará a conjugação.

Feito, assim, o estudo destas formas, serão ensinadas as outras, si e quando surgirem no decorrer das lições. A mestra chamará a attenção da classe para a forma ainda não conhecida e dará as necessarias explicações.

Si a professora quizer fazer sua aula agradavel, procurando meios interessantes de os alumnos estarem sempre attentos e, si não perder as muitas opportunidades que se lhe apresentam no correr das aulas, para firmar, cada vez mais, o estudo intelligente do verbo, terá a intima satisfação de, ao fim do anno lectivo, colher os louros da proficuidade de seus esforços.

JOSÉ AMERICO DA COSTA.

Acho que o ensino da conjugação dos verbos deve ser moroso, morosissimo, para sua mui perfeita comprehensão.

O primeiro modo a se ensinar, deve ser o *indicativo* e o tempo presente.

Da seguinte forma hei agido e com optimos resultados:

Com a attenção de toda a classe, chamam-se tres alumnos ao quadro, dois nos extremos e um ao meio. Pergunta-se ao primeiro:

— Pedro, você está aqui na sala?

Evidentemente a resposta será «ESTOU».

P. Perfeitamente; escreva essa palavra ahi no quadro, empregando a *primeira* pessoa «eu». Agora você, Antonio, affirme que o seu collega está aqui na sala, porem, tratando-o de «tu». Deve dizer assim: «estás», ou «tu estás». Isso mesmo. Vamos agora com você, João. Ouviu seu collega Pedro, dizer que está aqui na sala. *Elle está* realmente aqui?

A. Está.

P. Muito bem. Escreva isto ahi no quadro.

Lemos agora: «EU ESTOU, TU ESTÁS, ELLE ESTÁ. Vamos ver que tempo representa, si é hontem, hoje, ou amanhã. O dia de hontem, ou uma cousa occorrida hontem, já *passou*, é um facto *passado*: o que se dá *hoje*, neste momento, é agora, é presente e o que se não deu hontem, nem hoje e que ainda vae ser amanhã, que está ainda por acontecer, é futuro. Comprehenderam bem? Vamos ver então. Você será capaz de dizer

«Eu hontem, ou hoje *está* aqui na sala?».... Sim, certamente que não. Então, «estou», que tempo representa?

A. Tempo presente.

P. Sim, *indica* tempo presente e se chama *indicativo presente* e cono «estou» é verbo estar, temos ahi o indicativo presente do verbo estar.

Até perfeita comprehensão dos alumnos, deverão, pelo mesmo processo, ser feitos muitos exercicios com os verbos mais empregados, porem *sempre no mesmo* modo e tempo. Em seguida, muitos outros oraes com toda a classe *e unicamente no* singular. Depois da consequente comprehensão, toda a classe fará exercicios escriptos, determinando-se para taes e taes alumnos, as pessoas de que deverão tratar.

Em a aula, seguinte os mesmos exercicios e esses versarão *sómente sobre* a *segunda pessoa*.

Depois de muitos delles e comprovada a comprehensão de todos, passa-se, então, ao plural. Para não tornar demasiado longo este modesto trabalho, deixo de explanar o modo por que hei agido quanto á explicação do singular e plural. E' facil, a todos, dal-a perfeitamente clara, creio-o.

Representando a primeira pessoa do plural, collocam-se dois alumnos em um dos extremos do quadro, tendo os demais na posição primitiva. O processo é, naturalmente, o mesmo.

Aos dois primeiros pergunta-se:

— Vocês estão aqui na sala?

A.— Estamos.

P.— Então escrevam: «ESTAMOS», ou NÓS ESTAMOS.

Agora você dahi do meio vae dizer, affirmar que esses dois collegas estão aqui na sala, mas não poderá dizer «TU ESTÁS», como nas outras lições, porque o tratamento de «TU» é para uma pessoa só e ali estão duas, ou temos mais de uma.

Usará, então, o plural, que é «VÓS». Dirá, portanto, «VÓS ESTAES». E' preciso repetir; diga lá... isso mesmo. Agora escreva ahi no quadro.... Muito bem.

Você disse para os seus collegas «VÓS ESTAES» e não poderá dizer da mesma maneira para toda a classe?... Sim, pode, porque ali estão muitos meninos. Já você escreveu no quadro, porem quero que se dirija, de novo, aos collegas aqui ao lado e depois á classe toda. Dirá assim: «VÓS ESTAES» e depois volte-se para os demais alumnos e diga assim «VÓS TAMBEM ESTAES»... Perfeitamente. Agora vamos com você dahi do outro extremo do quadro. Os seus collegas *estão* mesmo aqui na sala?

A.— Estão.

P.— Então escreva: ELLES «ESTÃO».

Continuos exercicios, tambem, no plural, maximé com a segunda pessoa.

ROMEU VENTURELLI

CONCURSO DE AULAS-MODELO

No concurso de aulas-modelo foram premiados os seguintes trabalhos:

NOÇÕES ACERCA DO ADJECTIVO

Aula de lingua materna para o 3º e o 4º anno

Material empregado: duas bolas, de differentes tamanhos; duas reguas, de differentes comprimentos; dois pedaços de fazendas, de cores differentes; dois lapis, ou outros objectos de grossuras differentes; um pedaço de papel; um pedaço de papelão; duas canequinhas — uma com agua quente e outra com agua fria.

Professora — (Aos alumnos) Aula de lingua materna. Colloquem os caderninhos fechados e os lapis sobre as mesas das carteiras, sem perda de tempo. (Depois de amainado o leve rumor) Meninos! Estamos na «semana da attenção» e, pela directriz assignalada no quadro negro, já sabem vocês que, sobre lingua patria, vão receber durante esta semana noções acerca do adjectivo.

Já conhecem, pelas lições anteriores, as palavras que dão nomes ás cousas; agora vão conhecer as palavras que representam qualidades das cousas. E não se esqueçam de que é necessario attenção e muita attenção para que sejam proveitosas as noções que lhes vão ser ministradas.

(Tomando duas bolas de tamanhos differentes e apresentando-as aos alumnos) — Que observa você, Antonio, sobre o tamanho destas bolas?

Antonio — Uma é grande e a outra é pequena.

Prof. — E' exacto. (Escreve no quadro negro):
bola grande
bola pequena.

(Tirando de sobre a mesa duas reguas de comprimentos differentes) — Que observa você, Maria, quanto ao comprimento destas reguas?

Maria — A que a Sra. tem na mão direita é comprida e a da mão esquerda é curta.

Prof. — Sim. (Vae ao quadro e escreve):
regua comprida
regua curta.

(Falando sobre a elevação de duas casas conhecidas, ou então de duas plantas muito conhecidas dos alumnos — Que pode dizer você, Amelia, sobre a mangueira e o caféeiro, quanto á altura?

Amelia — A mangueira é alta e o caféeiro é baixo.

Prof. — E' verdade. (Escreve no quadro negro):
arvore alta
arvore baixa.

(Referindo-se a duas professoras ou a duas pessoas de alturas differentes, conhecidas dos alumnos) — Que vae me dizer você, Annita, das duas pessoas de que tratamos, quanto á estatura das mesmas?

(Antes de se obter a resposta, explicará aos alumnos que, em se tratando de pessoas, diz-se com mais propriedade — estatura, em vez de altura).

Annita — D. Elisa é alta e d. Laura é baixa.

Prof. — Perfeitamente. (Escreve no quadro negro);
moça alta
moça baixa.

(Apresentando dois pedaços de — fazenda branca e fazenda preta — De que côr são estas duas fazendas, João?

João — O pedaço maior é de fazenda branca e o menor é de fazenda preta.

Prof. — Exactamente. (Escreve no quadro negro):
fazenda branca
fazenda preta.

(Apresentando dois lapis de grossuras differentes, ou um cabo de vassoura e uma vareta) — Que pode você, Nair, dizer destes dois objectos, quanto á grossura ?

Nair — Vejo que um é grosso e o outro é fino.

Prof. — Bem. (Escreve no quadro):

pau grosso
pau fino.

(Apresentando aos meninos um pedaço de papel e um papelão) — Venha até aqui, Cecy. Colloque este pedaço de papel entre o dedo pollegar e o indicador, faça resvalar estes dedos nas superficies do mesmo, e diga-me o que você observa por meio do tacto. Faça o mesmo em relação ao papelão.

Cecy — Devo dizer que o papel é fino e o papelão é grosso ?

Prof. — Deve, sim; mas é que esta qualidade — grosso ou fino, observada em objectos, como — um pedaço de papel, uma taboa, uma parede, etc., se diz, mais propriamente — qualidade de espessura.

(Escreve no quadro negro):

papel grosso
papel fino.

(Chamando para junto de si duas crianças da aula — um gorda e outra magrinha) — José Maria, que póde dizer você destas duas crianças, quanto á compleição ?

José Maria — .....

Prof. — Sente difficuldade em responder? Vou então explicar-lhe, e ao mesmo tempo a todos os alumnos: — Empregando a palavra compleição, refiro-me á organização physica destas crianças; quero pois, que você fale somente sobre o que, pela vista, pode alcançar quanto ao volume do corpo das duas crianças. Comprehendeu ? Poderá observar que este menino é gordo e est'outro é magro, não é verdade? Vou então escrever:

menino gordo
menino magro.

(Indo de carteira em carteira, a professora fará que cada alumno conheça, por observação propria, a temperatura da agua das duas canequinhas. Ou, friccionando uma das mãos com um pedaço de flanella para que fique bem aquecida, e ao mesmo tempo introduzindo a outra em agua fria, a professora chamará um alumno e sobre o rosto deste collocará as duas mãos).

Prof. — (Adherindo bem as extremidades dos dedos ás faces do menino) — Que diz, Ivo, sobre a temperatura de minhas mãos?

Ivo — Sinto que uma está fria e a outra quente.

Prof. — Muito bem. Escreve):
mão quente
mão fria.

Prof. — Já são decorridos doze minutos em que estamos palestrando. Amanhã, terça-feira, proseguirei sobre o mesmo thema.

No quadro negro as expressões devem ter sido escriptas em uma ordem tal que estejam dispostas assim:

NOÇÕES ACERCA DO ADJECTIVO

(1ª LIÇÃO)

Expressões de qualidade

quanto ao tamanho	quanto ao comprimento	quanto á altura
bola grande bola pequena	regua comprida regua curta	arvore alta arvore baixa
quanto á estatura	**quanto á côr**	**quanto á grossura**
moça alta moça baixa	fazenda preta fazenda branca	pau grosso pau fino
quanto á espessura	**quanto á compleição**	**quanto á temperatura**
papel grosso papel fino	menino gordo menino magro	mão quente mão fria

Prof. — Pelo que acabo de expôr, fiquem vocês scientes de que estas palavras (apontando-as no quadro negro):

grande, pequena, comprida, curta, alta, baixa, branca, preta, grosso, fino, gordo, magro, quente, fria... são «expressões de qualidade», e as

expressões que denotam qualidade chamam-se *adjectivos*, no estudo da grammatica.

Retenham bem na memoria estas expressões. Amanhã reservarei os tres ultimos minutos, á hora da leitura, para vocês observarem se no texto ha alguma das expressões de qualidade, já conhecidas.

Agora abram os caderninhos, empunhem os lapis e, nos ultimos minutos desta aula, transcrevam o que se acha escripto no quadro negro.

Nota — No caderno de preparação de lições deve a professora lançar:

LINGUA MATERNA

Ponto a tratar — Noções acerca do adjectivo. Material empregado: Bolas, reguas, pedaços de fazendas, pedaços de papel, de papelão, de pau, em fórma cylindrica, agua — quente e fria.

Meio intuitivo — Exhibição real dos objectos mencionados. Palestra com os alumnos, provocando-os a descobrirem as qualidades de — tamanho, comprimento, altura, côr, grossura, espessura, compleição e temperatura.

No quadro negro, para auxiliar a assimilação — registo dos adjectivos, ao lado dos nomes das cousas de que elles denotam as qualidades.

RITA CASSIANA MARTINS PEREIRA

A HERVA DE PASSARINHO

(*Aula de noções de coisas para o 3º anno*)

A professora:—Alli, proximo ao Grupo, ha uma laranjeira coberta de *herva de passarinho*. Si não tirarem a *herva de passarinho* da laranjeira, que acontecerá á arvore ?

Quem souber, diga.

A classe quasi toda:—A arvore não dará flor nem fructo.

A professora:—Muito bem; mas, então se a arvore não for fructifera, se for uma arvore de ornamentação, não fará mal que fique coberta pela *herva de passarinho*?

—Faz, responderão os alumnos, porque a arvore morre.

—Manoel, pede a professora, vá ao quadro negro e escreva: «Uma arvore coberta pela *herva de passarinho* não dá flor, nem fructo e morre». E porque morre uma arvore coberta de *herva de passarinho*?

A classe não responde.

A professera:—Vocês não se lembram do que falamos na aula a respeito da seiva ?

A classe:—Lembramo-nos muito bem: a seiva é para os vegetaes o mesmo que o sangue é para os animaes. Um vegetal não pode viver sem seiva, como um animal não pode viver sem sangue.

A professora:—Pois bem; a *herva de passarinho* mata a arvore, porque se nutre da seiva que ella fabrica para a sua alimentação. Iremos, depois que terminarem as aulas do grupo, lá perto da laranjeira e veremos diversas raizes pequeninas da *herva de passarinho*, penetrando nos galhos da larangeira, para sugar-lhe a seiva.

Os vegetaes que se nutrem da seiva dos outros, chamam-se *parasitas*, e devem ser arrancados e jogados ao fogo.

Escreva no quadro negro, Manoel: «A *herva de passarinho* é uma *parasita*, isto é, um vegetal que se alimenta da seiva de outros vegetaes. Ella deve ser arrancada e jogada ao fogo.»

Figuradamente, chamamos de parasitas sociaes os individuos que não trabalham. Aquelles que ou vivem á custa de outras pessoas, ou recebem dinheiro publico em sinecuras, isto é, só vão ás repartições para assignarem o *ponto* e no fim do mez receber o ordenado. Estes individuos deveriam ser eliminados da sociedade. Mas, como não podemos eliminar pessoa nenhuma, devemos desprezal-os, porque nos fazem tanto mal quanto as parasitas ás arvores.

Escreva mais no quadro negro, Manoel: «Os individuos que nada produzem, e vivem do trabalho dos outros homens, são chamados parasitas sociaes e merecem ser desprezados.»

Quem plantou a *herva de passarinho* na laranjeira? Como foi ella germinar lá tão no alto? Silencio? Ninguem sabe? Pois qual é o nome da parasita?

—*Herva de passarinho.* Ah! então foi o passarinho que a plantou?

—Não a plantou voluntariamente, porque não tem faculdade para isto. Plantou involuntariamente; trazendo a semente, que se lhe prendeu no bico por ser viscosa, quando elle a comia lá pelos campos. Algumas vezes, bem raras, as sementes são trazidas nos intestinos dos passaros, que a expellem em um galho. As sementes assim trazidas brotam alastram-se por toda a arvore.

Muitos vegetaes são plantados por estes processos.

Vocês não conhecerão algum vegetal, que não seja uma parasita e que cobrindo uma arvore a mata?

—Conhecemos; o quiabo bábá ou o quiabo do Paraguay, e o xuxuzeiro cobrindo uma arvore, matam-na.

—O nome scientifico da primeira planta é boussingaultia.

E porque estas plantas subindo nas arvores a matam?

—Porque abafam a arvore.

—Muito bem; abafam a arvore, tiram-lhe a luz do sol, indispensavel á arvore, para que?

—Para fabricar, por intermedio da chlorophila nas folhas e nas partes verdes da arvore, o seu alimento, que é a seiva elaborada.

—Escreva no quadro negro, Manoel: «Um planta, mesmo que não seja parasita, trepando em uma arvore e cobrindo-a, mata-a, porque impede que a luz do sol, fabrique nas folhas e partes verdes da arvore, por intermedio da chlorophila, a seiva-substancia indispensavel á vida da arvore.»

Esta lição deve ser dada depois da lição: Funcção chlorophiliana.

(O plano desta lição offerece margem para estudo muito mais longo de sciencias naturaes, e associação de idéas, como por exemplo: falarmos sobre a respiração e transpiração das folhas, no orvalho, nuvens, chuvas, direcção dos ventos, suas causas, seu emprego como força, na força do vapor, na força produzida pela electricidade, pela gazolina, nos automoveis, no commercio de importação, nas vias de communicação, etc., etc.

Mas visto a «Revista do Ensino» pedir trabalhos que não sejam longos, procurei tornar tão pequena quanto possivel o plano acima apresentado

EDESIA CORREA RABELLO

CENTRO DE INTERESSE: CRIAÇÃO DE AVES DOMESTICAS

ASSUMPTO — O GALLO.

Observação:

1) Excursão a um sitio ou a uma chacara onde se criem aves domesticas;

2) Conversar com os alumnos, induzindo-os a contar as suas observações;

3) Aproveitar as observações obtidase, por meio de associação de idéas, organizar aulas de leitura, arithmetica, desenho, geographia, historia, sciencias naturaes, noções de coisas, geometria, religião, etc.

CONVERSA (Noções de cousas

Vamos estudar este bonito gallo:

—Você, Cleveland, que acha nelle mais interessante ?

—A crista.

—E você, Amelia ?

—Eu acho a cauda; tem tão bonitas pennas!

—E você, Antonietta ?

—Eu gosto de ouvil-o cantar : có-có-có-ró-có !

—Muito bem; ouçamos o que diz o Pedrinho.

—Ah ! eu aprecio o esporão; esse gallo é de briga.

—E você, Lourdes ?

—Eu gosto de vêr tudo o que forma o gallo.

—Então, diga o que você observa neste bipede.

—Sim, elle tem dois pés, como todas as aves.

—Tem bico duro, crista e barbicha vermelhas, o corpo recoberto de pennugens, duas azas com grandes pennas, a cauda ornada de lindos pennachos e um esporão em cada perna.

—E você, Alberto ?

—Hum ! esse gallo não põe ovos...

—Ora, Alberto, o gallo não põe ovos...

—E' mesmo. A gallinha é que põe ovos.

—E você, Ruy ?

—O gallo é bonito, mas a gallinha põe ovos e cria os pintos. Ella é menor do que o gallo.

—Muito bem; e você, Geraldo ?

—Esse gallo é bonito mas eu gosto é do perú.

—Qual é a differença, que você nota entre o gallo e o perú, Geraldo ?

—O perú é maior do que o gallo, a sua crista e a barbicha se prolongam em bolas e pelles por cima e por baixo do pescoço; tem um leque na cauda; enfuna-se todo quando vae cantar e dá um tiro : tum ! au-rú-rú-rú !

—Muito bem, Geraldo ; e você, Evangelina ?

As respostas serão continuadas, provocando-se cada alumno a dizer o que lhe despertou a attenção.

LEITURA —Consoante uma antiga lenda, pela madrugada o canto do gallo annunciava o nascer do sol.

Entre as aves, havia muito ciume da importancia do senhor gallo.

Ora, o pavão deu uma festa e o senhor gallo, tendo bebido muito vinho, adormeceu, de modo que, ao amanhecer, o sol surgiu no horizonte sem que o gallo houvesse cantado.

Verificou-se, portanto, que o senhor gallo não era tão importante como se dizia.

HISTORIA NATURAL—Pelo quadro do Museu Deyrolle, dar idéa da evolução do pinto dentro do ovo, explicando-se a reproducção das aves. Para as classes adeantadas,podem-se ensinar os caracteres e a classificação da familia, que tem como typo o gallo.

As phases de incubação do ovo são as seguintes:

1º. dia—Apparecimento do embryão. O ovo é uma cellula perfeita, cuja fecundação lhe permitte produzir um novo ser. Tratando-se do ovo da gallinha, elle produzirá um pinto que será ao termo do seu crescimento um gallo ou uma gallinha.

4º dia—Surgem vasos sanguineos no centro da gemma.

6º dia—O pinto se acha formado, com a cabeça e os membros bem nitidos.

21º dia—O pinto completa a sua incubação e quebra a casca.

INSTRUCÇÃO MORAL—Conversar a respeito do carinho da gallinha, criando os seus pintainhos.

Si os animaes criam os seus filhos com tanto amor, que havemos de dizer dos paes que não educam bem os filhos ?

A gallinha é muito extremosa e dedicada para os pintos.

Vêde que bôa mãe !

Esteve vinte e tantos dias no ninho deitada sobre os ovos, até chocal-os completamente.

Agora, passa o dia a procurar alimentos para os filhinhos. A's vezes, elles se escondem debaixo de suas azas maternaes e se deixam ahi ficar pipilando alegremente, em descanço.

Si alguma cousa os ameaça, a gallinha os defende com toda a valentia.

RELIGIÃO—Falar sobre a «Missa do Gallo», uma das mais bellas tradições da nossa religião.

Natal ! Que dia encantador não é esse que os povos christãos chamam de Natal !

E' elle o dia do anniversario do nascimento de Jesus, o bom amigo das crianças e de todos nós, o qual nasceu ha perto de dois mil annos, em um modesto presepe de Bethlem, na Judéa.

Nasceu á meia noite.

Por isso, ha uma missa justamente á meia noite de 24 para 25 de dezembro.

Chama-se «missa do gallo», porque a essa hora o gallo, canta annunciando o dia mais bello do anno.

Até mesmo em guerra, os christãos guardam o dia de Natal, que é tambem o dia feliz de todas as creanças.

Conta-se que, no dia do nascimento de Jesus, os anjos entoaram bellos cantos, que foram ouvidos pelos pastores, e formularam este lindo voto:—«Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».

JOGOS—Fazer uma peteca e explicar que, sem as pennas, ella não se apruma bem ao impulso do bolo. Brincar de «gallinha da poupeira».

PHYSICA—Falar sobre o vôo das aves, sobre os aeroplanos e aviões. Dizer que o nosso paiz figura na historia da aviação, graças ao genio de Santos Dumont, Padre Gusmão (Bartholomeu Lourenço), etc.

ARITHMETICA—Problemas de compras e venda de aves e ovos. Idéa de duzia e meia duzia de ovos.

Effectuar sommas, subtrações, multiplicações e divisões sobre aves e ovos, primeiro, oralmente; depois por escripto, no quadro negro e nos cadernos.

Contar aves e ovos para o 1º anno.

HISTORIA—As aves domesticas, assim como os animaes mais uteis ao homem, o boi, o cavallo, etc., foram trazidas para o Brasil pelos colonizadores, isto é, os portuguezes. Aqui, antes do descobrimento do Brasil, havia apenas animaes selvagens: onças, tamanduás, antas, lobos, etc.

Anecdota—Conta-se que Christovam Colombo, o grande e genial descobridor da America, achando-se em um banquete com varios fidalgos hespanhoes, alguns destes disseram que fôra coisa facil a empreza do descobrimento do Novo Continente.

Colombo perguutou-lhes si eram capazes de pôr um ovo *em pé* (verticalmente).

Nenhum delles foi capaz de resolver esse problema.

Colombo bateu com o ovo sobre a mesa, quebrando-o e poude collocal-o verticalmente.

Oh ! disseram os fidalgos, isso é muito facil.

Não ha duvida, respondeu-lhes Colombo, mas os senhores não o fizeram. Assim tambem a descoberta da America, agora, é coisa facil !

GEOGRAPHIA—A criação de gallinhas e de outras aves domesticas está muito desenvolvida em Minas. O nosso Estado exporta para a Capital Federal grandes quantidades de aves e ovos diariamente, pelas estradas de ferro Leopoldina, Central do Brasil, etc.

MUSICA—Ensinar e cantar o hymno das aves.

DESENHO—Esboçar um gallo, uma gallinha, pintos e ovos.

GEOMETRIA—Ver a oval na secção—Linhas, do quadro de figuras geometricas.

Construir uma oval no quadro negro.

HYGIENE—A carne de gallinha e de frango é usada para a dieta dos doentes, por ser de facil digestão.

Quando as gallinhas estão chocando os ovos, desenvolve-se nos ninhos a praga dos piolhos de gallinha.

Destroe-se essa praga por meio de cascas de alho e agua fervendo.

LINGUA PATRIA—Formar sentenças com os nomes de aves domesticas; idem empregando os verbos que exprimem acções e vozes dessas aves: voar, cantar, piar, cacarejar, cucuricar, bicar, brigar, etc.

Pequenas composições.

O gallo canta—Os gallos cantam—Dois gallos estão brigando—O pinto pia—Os pintos piam—O pintainho pipila—Os pintainhos pipilam—A gallinha cacareja—As gallinhas cacarejam—O ovo fresco é bom para

se tomar aquecido—A gallinha pintada poz um ovo no ninho. O ovo fresco pode-se tomar cru'.—A perua pia.—As peruas piam. O ovo da perua é grande—Os ovos das peruas são grandes. Oh! que bonitos perusinhos—Vou ver o bello pavão do titio—O pavão é vaidoso—Antonio comprou um bello casal de gallinholas.

Carta. Contar um passeio ao sitio de um amigo, que gosta de criar gallinhas e perus e que exporta aves e ovos para o Rio.

Descripção—Tratar de criação de gallinhas de raça depois de ter visto o tratamento que a ellas se dispensa.

ESCRIPTA—Copia ou dictado da leitura.

Nota—Foram traçados resumos de lições de varias disciplinas, que poderão ser desenvolvidas conforme a capacidade e a actividade dos alumnos.

Um modelo pode ser ampliado ou reduzido, conforme a necessidade.

FAUSTO GONZAGA

Pequena anthologia de recitativos

AS PIPAS

PARA A "REVISTA DO ENSINO"

— Ha poucos dias, Orlando,
Na fazenda de meus paes,
Eu vi dois homens rolando
Algumas pipas eguaes.

A pipa cheia e pesada
Deslisa, silenciosa,
Emquanto a que não tem nada
Aos pulos, salta, ruidosa.

— A imagem da sociedade
Alli tiveste, segura:
Pelos roncos, ninguem ha de
Julgar uma creatura.

Quem sabe e vale, no mundo,
Vae sereno, sem desvio,
Emquanto rufa, iracundo,
Quem é de tudo vasio...

ABILIO MACHADO

Secção do Centro Pedagogico Decroly

A missão educativa da escola primaria

Educação Individual

I

I — *Sejamos asseados*. — O asseio do corpo. A pelle: sua funcção physiologica, poeira, irritação cutanea, banho de immersão e chuveiro. — As mãos: lavemos as mãos antes de nos sentarmos á mesa: o typho foi denominado a doença das mãos sujas. — Os dentes: a limpesa dos dentes evita a carie. — A cabeça e seus parasitas: meios de evitar estes ou de expellil-os. — Os olhos devem ser lavados todas as manhãs com agua pura. — As orelhas: limpesa quotidiana por meio de uma toalha; perigo de usar objectos duros ou pontudos. — O nariz: como e porque é preciso assoar-se regularmente; obstrucção possivel da trompa de Eustachio. — A limpesa do vestuario: a creança deve apprender logo a velar por elle, afim de alliviar o trabalho da mamãe e se tornar independente. — A limpesa dos cadernos e dos livros: conselhos praticos. — A agua: usemos della abundantemente para os cuidados de limpeza. — Os alimentos: limpeza das vasilhas; guardar os alimentos ao abrigo das poeiras e das moscas; guerra sem treguas ás moscas. — Asseio do *biberon*: gastro-enterite.— O feio costume de palitar os dentes á mesa, e ainda mais de collocar sobre a toalha o palito servido. — Limpeza de habitação, da escola: o alumno deve contribuir para isso praticamente. — Limpeza da rua e logares publicos: não sujalos. — O asseio dá a saude !

II — *Sejamos prudentes*. — Os perigos da rua: a) perigos physicos: afastar-se dos vehiculos rapidos; meio racional de atravessar uma rua movimentada; nunca dependurar-se a uma carruagem, qualquer que seja; utilidade dos regulamentos policiaes e necessidade de se submetter a elles; b) perigos moraes: nunca acompanhar uma pessoa que não se conhece. — Os perigos da casa: a electricidade: em caso de curto circuito, fechar o registrador; não empregar agua como meio de extincção; o kerozene: nunca derramar kerozene onde possa ainda haver fogo; nunca depositar kerozene em uma lampada accesa; os phosphoros não são brinquedos. Evitemos nos refrescar depois de um longo passeio ou depois de um exercicio physico. — Os alumnos que chegam a aula com os pés humidos e a roupa molhada devem scientificar disso ao professor. — Não nos banhemos em agua fria immediatamente depois de uma refeição. — Nunca brinquemos com instrumentos cortantes ou perfurantes, nem com armas de fogo. — Não atiremos pedras. — Durante uma tempestade não nos abriguemos debaixo de uma arvore. — A variola e a vaccina de Jenner. — A febre amarella e o mosquito transmissor. O typho e as injecções anti-typhicas. — O dever do alumno attingido de uma molestia contagiosa.

III — *Sejamos sadios* — A saude é um bem precioso só apreciado quando se perde.

Regras summarias de hygiene. Utilidade do ar puro: abramos largamente as janellas. Prefiramos os jogos ao ar livre e os passeios no campo. Apprendamos a respirar bem, afim de bem oxygenar nosso sangue. Não roer as uhas, nem viciar em pôr o dêdo na bocca. — Não velemos até muito tarde. — Os alumnos têm necessidade de bastante somno. Não usemos roupas muito apertadas. — A alimentação: as refeições devem conter todos os elementos que o corpo necessita para se desenvolver. — Não comamos gulodices fóra das refeições; não devemos comer fructas verdes. — Inconvenientes de uma mastigação insufficiente. — Combatamos o entorpecimento do corpo praticando a gymnastica e os esportes. Evitemos as grandes fadigas. Cessemos de praticar os esportes que nos trazem uma curvatura anormal. — Esportes recommendaveis: barras; jogos de bola, de foot-ball, de tennis; bicycleta, corrida, natação. — Perigo dos matches. — Evitemos os excessos nos esportes. Condemnação do suicidio.

(*Continúa*).

O abacate

Centro de interesse: Alimentação

(Plano de lição para uma aula da classe Decroly do grupo "Barão do Rio Branco" da Capital).

Observação — Mostrar aos alumnos diversos abacates.

a) Descripção exterior: vista, tacto, odor e sabor. (Forma, tamanho, peso, gosto, rugosidades, etc.).

Objectos da mesma côr.

b) Descripção interior. Descascar o abacate — Descrever a casca. O caroço. Sua forma, tamanho, côr, etc.

Comparar um abacate maduro com um verde e estes com um deteriorado.

Associação — Emprego do abacate. Modos de preparal-o e tornal-o como alimento (addicionando-lhe assucar, etc.).

Sua conservação.

D'onde provém o abacate. O abacateiro. Suas folhas e utilidades medicinaes. Logares onde são encontrados os abacates. Pomares. Mercados e casas de fructas. Vendedores ambulantes.

Cuidado que devemos ter com os fructos assim adquiridos.

Comparar o abacate com outros fructos.

Expressão abstracta. — Leitura — Leitura das seguintes phrases (resumo da observação):

O abacate não é uma fructa redonda.

O caroço do abacate é muito grande.

As folhas do abacateiro são uteis.

A casca do abacate é verde.

Os alumnos farão, em pequenos pedaços de papel, desenhos de accordo com estas phrases, as quaes serão escriptas no quadro-negro ao lado dos *croquis* correspondentes.

Distribuir pelos alumnos fichas contendo as phrases dadas.

Mandar que disponham os seus *croquis* na mesma ordem que os do quadro, collocando ao lado de cada um a ficha correspondente.

Leitura das phrases em côro e separadamente.

Variar o exercicio. (Apresentar-lhes uma phrase no quadro-negro para que separem os *croquis* a ella correspondente e, inversamente, mostrar-lhes um dos *cro-*

quis do quadro-negro para que mostrem a ficha contendo a phrase, que deve ser collocada ao lado do mesmo).

Expressão concreta. — Linguagem graphica — Escripta: copiar as phrases da leitura.

Desenho. — Illustrar com *croquis* o caderno de escripta.

Desenhar abacates, meio abacate, o caroço, o vendedor de abacates, etc.

Modelagem. — Modelar um abacate inteiro, a carroça de fructas, meio abacate, etc.

Calculo. — Observação e realização. — Dividir ao meio, com um traço vertical, uma pagina do caderno de observação. Escrever ao alto da columna da direita (destinada ás unidades), o n. 1, e na columna da esquerda (destinada ás dezenas), o n. 2.

Os alumnos ouvirão em silencio, de cabeça baixa e olhos fechados, um certo numero de pancadas, dadas com um objecto qualquer. Em seguida deverão desenhar um numero de abacates correspondente ao numero de pancadas ouvidas, (13) desenhando, porém, as dezenas nelle contidas na columna 2 e as unidades na columna 1.

Fazer o mesmo com os ns. 11, 3, 12.

Contar os abacates da columna 1, escrevendo por baixo dos mesmos o numero encontrado (9).

Contar as dezenas da columna 2, escrevendo á esquerda do numero que representa as unidades, o numero das dezenas (3). Lêr o numero assim formado (39) e contar todos os abacates para verificação.

MARIA DA GLORIA BARROS

Daqui e dali

Uma iniciativa do Grupo Escolar de Curvello

Tendo desenvolvido intensa campanha em torno da elevação da matricula escolar, conseguindo, aliás, os resultados mais compensadores, a Secretaria do Interior empenha-se, actualmente, em obter, tambem, um elevado indice de frequencia em nossos estabelecimentos do ensino primario. Os bons propositos do governo vão sendo, afortunadamente, comprehendidos pela maioria dos directores e professores dos grupos e escolas do Estado, os quaes têm procurado secundar com efficiencia a iniciativa official. Considerando intelligentemente o problema, o grupo escolar de Curvello, por exemplo, vae tentar, agora, uma experiencia interessante, e que demonstra bem a engenhosa solicitude com que nesse estabelecimento se procura tornar cada vez maior a frequencia escolar. A proposito, recortamos d' "A Mocidade", jornal que se publica naquella cidade, a seguinte noticia, referente ao facto:

"Cumprindo o nosso programma de divulgar as questões que se prendam ao ensino primario, vimos hoje fazer algumas considerações sobre o magno problema da frequencia escolar. E em outro logar não ficariam tão bem collocadas as palavras do illustre sr. Secretario do Interior, dr. Francisco Campos, escriptas na exposição de motivos que antepoz ao R. E. N., quanto nestas columnas.

Diz s. excia.:

"A diffusão da instrucção primaria, estará sempre em funcção da sua qualidade. Um ensino inferior, não se imporá, por maiores que sejam os esforços e os recursos de compulsão, ainda ao povo menos esclarecido. Um ensino inferior despovôa as escolas pela infrequencia, suscitando nos alumnos repugnancia intellectual por elle, comprimindo nelles o curso do seu crescimento mental, que sómente o ensino de boa qualidade favorece, orienta e provoca.

A escola em que o ensino é de má qualidade será evitada pelas creanças como um castigo, talvez o peor dos castigos, porque morno e sem apparencias dramaticas. Pela frequencia da escola se apurará o seu valor. E' hoje fóra de duvida que a frequencia é um dos melhores criterios por onde aferir a efficiencia do ensino.

Compete, assim, á professora, tornar a sua escola attrahente, para que seja bem frequentada.

Entretanto, outros obstaculos se lhe antepõem: alguns alumnos, cuja matricula foi feita "ex-officio", ainda não compareceram a uma aula siquer e a professora não conseguiu informar-se de suas residencias; outros, por falta de roupa ou de merenda, passam alguns dias sem ir á escola; ou ainda a desidia de certos paes e as necessidades de familias pobres, que empregam seus filhos menores.

Como vencer taes obstaculos? O problema da roupa e da merenda é facilmente resolvido por uma Caixa Escolar bem organisada; a desidia dos paes, pelas penas da lei; a questão economica, por um entendimento entre os patrões, as familias dos menores e a professora.

E quanto aos alumnos matriculados "ex-officio?" E' a parte que actualmente interessa á directoria do grupo e ás senhoras professoras. A frequencia nesse estabelecimento foi em fevereiro de 65,6 % e em março de 67,7 °|°. Como augmentar esta porcentagem? Crêem as senhoras professoras poder resolver o problema com a creação de "pelotões de frequencia" em todas as classes, assim organizados:

1) O "Pelotão de Frequencia" será composto de 10 alumnos frequentes, escolhidos pela professora dentre os mais activos, e proporcionalmente ao numero de alumnos de cada bairro.

2) Os alumnos do pelotão usarão um distinctivo.

3) Aos alumnos do pelotão compete:

a) Conhecer todos os alumnos da classe e sua filiação;

b) Saber a residencia dos collegas de seu bairro;

c) Syndicar da razão por que faltaram á aula;

d) Prestar informações á professora a respeito das faltas dos collegas de seu bairro;

e) Convidar os collegas a comparecerem ao grupo, sempre que forem encontrados em occupações ou serviços em horas de aula.

4) Os alumnos que mais serviços prestarem receberão distinctivos de merecimento.

5) As professoras poderão excluir do pelotão os alumnos que não trabalharem ou cassar-lhes os distinctivos de merecimento.

E' uma experiencia que vão fazer as professoras do grupo. Por menores que sejam os seus resultados, representarão um passo dado em beneficio do ensino. E os nossos votos são que todo o exito esperado venha cobrir a tentativa das illustres educadoras.

Damos a seguir as percentagens de frequencia escolar nos districtos de nosso municipio, no mez de fevereiro:

Districto da cidade: matricula, 1.361; frequencia, 68,6 %.

Districto de Ipiranga: matricula, 63; frequencia, 90,4 °|°.

Districto de Bagre: matricula, 443; frequencia, 63,4 °|°.

Districto de Morro: matricula, 144; frequencia, 72,9 °|°.

Districto de Lagoa: matricula, 550; frequencia, 75,6 °|°.

Districto de Cedro: matricula, 123; frequencia, 72,5 °|°.

Districto de Trahyras: matricula, 744; frequencia, 65 °|°.

Districto de Parauna: matricula, 158; frequencia, 78,4 °|°.

Districto de Almas: matricula, 306; frequencia, 80 °|°.

Districto de S. Jardim: matricula, 174; frequencia, 89,7 °|°.

Matricula em todo o municipio, 4.067; frequencia, 71,1 °|°."

Variações sobre o ensino

(*Da experiencia pedagogica*)

De algum tempo a esta parte, vimos accentuando a necessidade de entrarmos quanto antes, e resolutamente, na phase das realizações no que concerne á moderna pedagogia.

Assimiladas as noções indispensaveis, temos dito, impõe-se que para logo mettamos mãos á obra, experimentando-as todas, uma por uma, sobre o nosso material huma-

no e dentro das circumstancias especiaes do nosso ambiente.

Sabemos já do que ha de racional e proveitoso na relativa homogeneização das classes.

Sabemos que se não pode impunemente esquecer ou menosprezar o amadurecimento natural e successivo das faculdades psychicas do individuo, como tambem que a noção do interesse, tal como a temos hoje, é fundamental em materia de ensino primario.

Sabemos, á saciedade, que a vida escolar deve constituir uma segura preparação para a vida real.

Sabemos de tudo isso e de muito mais.

Mas agora, desassombradamente, façamo-nos estas perguntas:

— Já tentámos a homogeneização de alguma classe nossa? Poderemos dizer do valor dos testes de Binet e Simon ou dos testes de Terman em relação ás creanças com que lidamos?

— Poderemos dizer como, no ensino, temos respeitado o desenvolvimento natural da intelligencia da creança e como temos aproveitado praticamente a força propulsiva do interesse individual?

— E saberemos dizer como nos temos deixado guiar por esta noção fecunda de que a escola deve prepara o individuo, não só para uma adaptação mais perfeita ao meio physico e social em que deve viver, senão tambem para que venha a ser um factor de aperfeiçoamento desse mesmo meio?

A todas essas perguntas teriamos que responder negativamente, não ha duvida.

Porque, por emquanto, não passamos de méros reflectores de opiniões alheias.

Não fomos ainda além do conhecimento do formidavel movimento pedagogico que se opera no estrangeiro.

Mas é mister mudarmos da attitude.

E' mistér que as noções adquiridas sejam postas á prova com gente nossa quanto antes.

E' mistér que nos atiremos decididamente á experimentação pedagogica, tomadas, excusado dizel-o, as devidas precauções.

E é necessario que tal movimento se generalise e se alastre.

Não é prudente affirmarmos que julguemos viavel introduzir de golpe em nossas escolas reforma tão radical.

Não. O que nos parece inadiavel e possivel é que todo estabelecimento escolar primario reserve classes destinadas ás necessarias experiencias e leve a effeito estas experiencias.

Nem se tema prejudicar as creanças de taes classes criteriosamente dirigidas, essas tentativas darão, na peior das hypotheses, resultado egual ao que actualmente se obtem.

Vem a proposito lembrar que, para Delvolvé, a experimentação pedagogica, sob sua fórma completa, comporta:

1.° — Conhecimento theorico e pratico do methodo pedagogico em uso, methodo que serve de base a toda innovação destinada a modifical-o;.

2.° — a ideia da innovação;

3.° — a realização da innovação nas melhores condições possiveis para que suas consequencias appareçam distinctamente;

4.° — a observação e apreciação dessas consequencias.

Taes elementos de uma boa experimentação dispensam commentario.

Não será, porém, demasiado chamar a attenção para o 3.° delles, que se refere ás condições em que se deve realizar a innovação.

E' indispensavel que o experimentador tenha conhecimento de todos os factores que intervêm ou possam intervir na experiencia.

E' imprescindivel que seu trabalho não esteja exposto a qualquer

influencia que não seja do seu conhecimento.

Porque, do contrario, incorrerá fatalmente em erro ao considerar o resultado conseguido, attribuindo este a causas que não são as que, na realidade, o determinaram.

Mauricio Murgel.

(Do "Diario Mercantil", de Juiz de Fóra).

A paisagem pedagogica actual

Jamais encontraremos na historia da pedagogia um momento que nos offereça, como o actual, uma paisagem tão rica de matizes e tendencias.

Tão diversas se apresentam as orientações, tão variados se nos deparam os aspectos e as meias tintas dentro dos dominios da sciencia e da arte da educação, que temos, muita vez, a sensação inquietadora de que a época em que vivemos carece de um rumo pedagogico definido.

Essa desorientação, aliás mais apparente que real, não é, entretanto, senão o reflexo da complexidade actual do espirito humano, cujo horizonte se tem dilatado enormemente, juntando ao seu conteúdo as interessantes innovações da actualidade.

Não ha negar que a complexidade do espirito e da vida tornou, nos dias que passam, quasi impossivel a tarefa de unificar as nossas aspirações.

Todavia, quem quizer caracterizar o momento, historico em que vivemos, terá de assignalar, como um dos traços distinctivos do mesmo, o grande e renovador dynamismo pedagogico que se verifica quasi por toda a parte.

Observamos tambem que as ponderosas questões pedagogicas têm adquirido bem pronunciado caracter social. Deixaram ellas de ser problemas reservados ao estudo dos especialistas e entraram a fazer parte das cogitações da grande massa que talvez descontentada ou decepcionada pela guerra e desilludida da paz, busca na escola e na educação um refugio e uma esperança.

Os problemas educativos já se apresentam, dest'arte, — e cada dia mais se accentuará o caracter apontado, — como um aspecto dos problemas totaes da humanidade.

Por isso e tambem porque já existe, talvez, a consciencia de que a educação, somente a educação, poderá restituir a serenidade aos espiritos e asseguarar o progresso da sociedade, revoltam-se todos contra a escola actual e pedem a realização de ambientes educativos mais humanos.

Naturalmente encarregam-se os techincos pedagogistas de levar essa transformação á realidade plena. Eis a razão por que jamais se viu, jamais se teve conhecimento de um afan de renovação como o actual. Por isso mesmo nunca se estudou com tanto carinho, nem tão scientificamente como agora, a personalidade da creança.

A' medida que assim se vae aprofundando no conhecimento da psychologia infantil, melhor se vae comprehendendo a necessidade de transformar a escola e os methodos educativos.

Já se não procura submetter a creança á escola; agora é a escola que se deve adaptar ás exigencias da personalidade do educando

Está conseguintemente, aberto caminho, claro e arejado, que nos ha de conduzir ao que Claparéde denomina a "escola á medida".

Nesse processo de adaptação da escola á creança, para que o estabelecimento docente contribua para o natural desenvolvimento da personalidade infantil ao envez de oppor-lhe os embaraços de outrora, chegamos a toda essa serie de ensaios e methodos que constituem os interessantes matizes da peda-

gogia actual: o chamado Plano Dalton, o Methodo de Projectos, os systemas escolares de Winnetka e de Missouri, os methodos Montessori, Decroly, Coussinet, as Escolas Novas, as Communidades escolares, a Maison des Petits, do Instituto J. J. Rousseau, etc.

Os citados systemas, methodos instituições podem ser considerados, em realidade, como diversos aspectos da chamada "pedagogia da acção".

Todo o movimento pedagogico actual baseia-se, effectivamente, nos principios da escola activa, e a a pedagogia da acção pode ser considerada como o expoente da pedagogia dos nossos dias.

Mas, que é, afinal, a pedagogia da acção?

Quanto a mim, ella se apresenta como uma reacção necessaria contra a velha pedagogia, demasiado livresca e mneumonica.

Todos sabemos que a pedagogia moderna emergiu da Renascença e que tres momentos culminantes podemos assignalar-lhe no processo evolutivo que tem seguindo desde aquella memoravel phase historica.

O primeiro vae até Pestallozzi e, nesse, educar confunde-se com apprender. A escola, tratando apenas de ensinar, girou em tornou dos livros.

Com o apparecimento de Pestalozzi, os educandarios se enriquecem e se animam com o fecundo principio da intuição applicada ao ensino. O processo objectivo, esse "passar das sensações obscuras ás noções claras", como dizia Pestalozzi, exige cousas, material de ensino, um certo contacto com a natureza. A escola já se não satisfaz apenas com livros. Para apprender, não é bastante ler, é preciso ver, observar. O ensino gira então ao redor das chamadas lições de causas.

Chegamos finalmente á época actual, que é o terceiro momento do progresso. Agora dizemos que para apprender não basta ler e ver; torna-se necessario, além disso, FAZER. E' o regimen da pedagogia da acção, a escola activa, que se baseia no trabalho. Este quer dizer, sem duvida, actividade manual, mas num sentido mais amplo e mais profundo significa tambem actividade pessoal na acquisição do saber.

A psychologia infantil poz de manifesto que a creança sente, desde que nasce, a necessidade do FAZER. E' induzir á acção por uma exigencia da natureza. Dessa acção, sempre desordenada e ás vezes destruidora, a escola de antanho descurou-se por completo.

A coordenação das actividades infantis, a formação das aptidões manuaes, tal como as preconiza a escola activa, é, entretanto, um principio fecundo e podemos mesmo dizer que será o prinicpio do porvir.

(Traducção de Rodolpho Loppis, por *F. de Mello Franco*).

(*Da "Mocidade", de Curvêllo*).

A inauguração da Escola Normal de Curvello

No acto da inauguração da Escola Normal de Curvello, o sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrucção, pronunciou o seguinte discurso:

"Meus senhores.

A inauguração da Escola Normal de Curvello representa mais um grande passo nessa jornada triumphal de civilização que vem sendo o governo de Antonio Carlos.

Representa um grande passo e assume particular significação, porque comprova e assignala, mais uma vez, o nobre proposito de atacar o problema do ensino normal, primeira das preoccupações para quem pretenda resolver de facto o problema da educação publica.

E' bem certo que sem a transformação do ensino normal, na sua intima estructura, na sua technica e na precisa designação de seus fins, baldado seria esperar uma transformação no ensino primario, pois, consoante lucidamente assignalou o eminente sr. Francisco Campos, o fundo do problema educacional, as suas raizes, assim como os factores determinantes de sua solução, só poderiam ser attingidos e captados no dominio do ensino normal, matriz do ensino primario, que somente pela renovação e reajustamento do primeiro poderá ser renovado no seu espirito e reajustado nos seus termos.

Foi pensando assim que se atacou entre nós o problema, mas tão intelligentemente que, de todas as iniciativas e emprehendimentos que no campo da educação se veem concertando, e todos nós somos testemunhas da formidavel obra realizada, a iniciativa mais sabia e que o futuro hade arrolar como o supremo brazão de gloria da actual reforma do ensino é, a meu vêr, a de ter buscado, na solução do ensino normal, a solução do ensino primario. E' precisamente o que distinguirá a actual reforma das que lhe precederam e foi a melhor opportunidade de se revelar a aguda visão dos estadistas que inspiram este augusto momento espiritual de Minas, porque em nada poderia revelar-se mais altamente do que na marcada preoccupação de crear escolas normaes que, pela quantidade e pela qualidade, nos offereçam professores capazes de pôrem por obra os novos ideaes educativos.

Crear escolas primarias, organizar novos programmas, baixar continuadas instrucções, regulamentar, inspeccionar, exigir, promover, através de publicações, conferencias e congressos, o alevantamento intellectual do proletariado, tudo isso constitue excellente subsidio, mas subsidio e não medidas bastantes a attingir as raizes do problema. São expedientes secundarios, não obstante serem os que mais falam aos olhos e aos ouvidos de espectadores inexpertos. Trarão beneficios, mas accidentaes, exteriores, tenues, epidermicos. Do enorme rebanho que, ha muitos annos, vem batendo a velha estrada, moendo os velhos processos, roido por maus preconceitos, deformado por maus habitos que se não erradicam, sem esforço sobrehumano, é certo que bem poucas ovelhas tresmalharão, para emprehenderem o caminho desconhecido e, de principio, aspero que se lhes aponta... A maioria seguirá, como é natural, o caminho que sempre trilhou, e que tem por unico e verdadeiro, porque difficilmente imaginará caminho diverso.

Todos esses expedientes são valiosos, mas de valor secundario, porque o remedio heroico consiste na formação de novos professores, capazes de bem apprehenderem a nova ordem de ideias, de trabalharem, com enthusiasmo, pelo seu triumpho e de bem a realizarem.

Assim, tentar implantar uma reforma de ensino que aspire a nortear-se pelas novas directrizes da pedagogia, sem a previa formação dos instrumentos de sua implantação, não deixa de ser esforço louvavel e digno de applausos, mas redundará, certamente, num sacrificio enorme atrás de resultado relativamente pequeno.

Notaveis pensadores e politicos divisaram, com acerto, o fundo do problema e bastará, entre outros, citar a Guizot, que asseverou repousar todo o ensino primario no normal e poder-se aferir o progresso do ensino primario pelo desenvolvimento das escolas normaes, e a Jules Ferry, para quem não havia cogitar em ensino primario sem escolas normaes, para nos persuadirmos de que tal deve ser a solução, para quantos queiram encarar a edu-

cação devidamente e com o animo firme de resolvel-a.

Pondo, por conseguinte, o ensino normal na primeira linha de suas cogitações e transformando-o de accordo com a reforma do ensino primario, de que reflecte as exigencias e as necessidades, porque o ensino normal é ensino de ensino primario, a reforma traçada pelo sr. Francisco Campos dentro das linhas amplas que lhe assignou o genio politico de nosso Presidente, conquistou o seu maior titulo de gloria, porque collocou o problema nos seus devidos termos e encaminhou, com sabedoria, a sua solução.

Com a installação de um bom numero de escolas normaes nas zonas mais diversas do Estado e com a admiravel organização que soube imprimir-lhes, a actual administração dará ás administrações porvindouras os elementos para resolverem esse problema cardeal para a democracia que é a educação, porque lhes legará phalanges magnificas de professores, alas preclaras e fortes, na altura de receberem a divina missão de plasmarem homens, de formarem cidadãos, de guiarem intelligencias, de argamassarem caracteres.

A inauguração da Escola Normal de Curvello, repito, representa mais um grande passo nessa jornada triumphal de civilização que vem sendo o governo de Antonio Carlos e é com legitimo orgulho que Minas deve registrar esta data memoravel. E' mais um bastião de cultura e de brasilidade, a pugnar pela elevação de nossa gente.

Demais, esta Escola Normal se levanta em Curvello, terra dadivosa e fecunda, cuja população laboriosa e tranquilla se constituiu, de ha muito, exemplo para as cidades mineiras. E' um penhor de sua prosperidade, porque não é possivel que onde triumpharam tantos emprehendimentos, onde vingaram tantas iniciativas e onde todas as boas sementes encontraram sólo amigo e propicio — não é possivel que não cresça uma arvore, como esta, larga e luminosa, cujo officio vae ser o de elaborar o cabedal humano, arrancal-o da confusão, da incerteza e da ignorancia, como ás forças e aos elementos obscuros da terra, para eleval-o, com a seiva, para as alturas...

Senhores, seja a minha palavra neste momento, não só de congratulações comvosco pela victoria que acabaes de alcançar, mercê da dignidade de vossa cidadania e mercê da iniciativa e descortino de vossos dirigentes, mas tambem e principalmente seja a minha palavra um commovido appello a todos vós e a todas as forças vivas desta terra, para que tenhaes, sob vossa guarda, esta casa de ensino.

Das escolas espalhadas, por todo o nosso Estado, com pesado sacrificio para o patrimonio publico, quantas attingirão amplamente os seus nobres objectivos e quantas effectuarão a notavel obra cultural que todos nós ambicionamos?

Pelo progresso, pela efficiencia e pela elevação que alcançarem as nossas escolas, poderemos bem conhecer, com segurança, o grau de opulencia ou de pobreza do subsolo civico do povo a que foram confiadas, e é por isso que se espera que esta boa terra de Curvello faça desta sua escola uma grande escola, que lhe queira bem, que a envolva de toda a sua ternura, que não consinta que se lhe perturbe a vida, por motivo algum, e que promova, por todos os meios, a seu alcance, o seu progresso e o seu engrandecimento.

Seja das primeiras, das mais fecundas e das mais serias de nossas escolas, pelo extremado interesse de que a cercardes e pela dedicação e intelligencia dos que a constituem — esta Escola Normal que Minas Geraes entrega, com firme confiança, ao alto civismo de Curvello."

A voz da pratica

Nesta secção serão acolhidos os trabalhos de collaboração do nosso professorado, bem como de outros funccionarios do ensino, desde que se coadunem com o programma da "Revista".

O ensino do verbo no curso primario

"Verbo: Quaes as fórmas (modos e tempos) que devem ser ensinadas no curso primario e como se deve ensinar a sua conjugação ?"

Todas as fórmas (tempos e modos) devem ser ensinadas no curso primario.

A conjugação dos verbos será feita de modo attrahente e intuitivo, na aula de leitura, devendo o professor escolher de preferencia, para o inicio da aprendizagem, os verbos que estiverem no tempo presente, modo indicativo, primeira pessoa do singular.

Para não se tornar monotono o estudo, um dos alumnos escreverá no quadro uma sentença com o verbo proposto e proseguirá a sua conjugação com o concurso da classe. Outras vezes, a aula será dada tambem por meio de sentenças oraes, sem o quadro.

Depois que o professor vir que os alumnos conjugam oralmente os verbos, dará exercicios escriptos.

Neste caso, o meio mais facil é escrever no quadro uma sentença e mandar que os alumnos transponham o seu verbo nas differentes fórmas.

Nota: O ensino do pronome deve preceder ao do verbo.

CIFRA LACERDA

Professora do grupo escolar de Carangola.

Os verbos *ser, haver* e *estar* devem ter a preferencia no ensino primario.

O *verbo* é uma palavra que significa *ser, estar* ou *fazer* qualquer cousa, como: eu *sou* intelligente; elle *trabalha* num livro; as creanças *dansam* contentes. Com a pratica de alguns annos no magisterio, opino que o estudo do *verbo*, de accordo com o programma do ensino primario, traz, sem duvida, uma vantagem extraordinaria ao desenvolvimento pratico do ensino da Lingua *Materna*, uma vez que elle se baseie nos tres verbos, principalmente: *haver, ser* e *estar*.

O *verbo* não varia sómente com o numero e a passoa do sujeito, mas ainda com o modo e o tempo.

Modo do verbo

Em grammatica, *modo* exprime a maneira pela qual o verbo indica a expressão, isto é, o estado ou a acção.

Nos verbos portuguezes, ha cinco modos: o *indicativo*, o *condicional*, o *imperativo*, o *subjunctivo* e o *infinito*.

Concordo então que todos estes modos sejam ensinados no curso primario, do terceiro anno em deante, de fórma clara, attrahente, sem fastidio para a classe, observando-se o systema pratico-evolutivo, sem lançar sobre os cerebros ainda embryonarios das creanças, as regras theoricas e sisudas que só podem estabelecer confusão e falta de efficiencia, na comprehensão do ensino dessa parte, que é uma das mais importantes da nossa lingua mater.

Tempos do verbo

O *tempo* é a época a que corresponde a existencia, o estado ou a acção expressa pelo *verbo*.

Ha tres tempos principaes, os quaes devem ser ensinados nas classes primarias para que o estudo do *verbo* constitua um elemento, como de facto o é, de primeira grandeza, na esthetica da nossa linguagem: o *passado*, o *presente* e o *futuro*.

Num *verbo* distinguem-se 14 *tempos simples* e 11 *tempos compostos*.

Os tempos simples são formados por uma só palavra. Exemplo: *vou, foi, iremos*.

Os tempos compostos são formados de um tempo simples dos verbos *ter* ou *haver* e do *participio passado* do verbo que se conjugar.

Exemplo: *Tenho chorado, hei estudado*.

—

Como se deve ensinar a conjugar os verbos

Conjugar um verbo é escrevel-o ou recital-o com todas as fórmas de *modo, tempo, numero* e *pessoa*.

Tenho ensinado, no exercicio do meu magisterio, de ha muitos annos, nas classes primarias, a conjugação dos verbos, e tenho observado, com muito interesse, o resultado deste meu trabalho, que tem sido mui satisfactorio.

E para que fique bem patente e se possa, sem receios, obter sempre bons fructos, deixo aqui, esclarecido, o seguinte:

O ensino da conjugação e conhecimento do *verbo* deve ser ministrado simultaneamente com o ensino do *sujeito*. Ora, o *sujeito* de um verbo é a palavra que designa a pessoa ou a cousa, *que é, está* ou *faz* o que o *verbo* exprime. Exemplo: *Eu* volto; *tu* queres; *elle* brinca; *passaros* cantam. Quer dizer que *eu* é o *sujeito* do *verbo voltar; tu* é o *sujeito* do *verbo querer; elle* é o *sujeito* do *verbo brincar; passaros* é o *sujeito* do *verbo cantar*.

Desnecessario torna-se dizer que o *verbo* concorda em numero e em pessoa com o *sujeito*. Exemplo: *Eu vou; tu vaes; elle vae; nós vamos; vós ides; elles vão*.

Vae para o plural o verbo que tem *varios sujeitos* do singular: *Pedro* e *Maria* SÃO bons; a *pulga* e a *formiga* SÃO *insectos*; o *boi* e o *cavallo* AJUDAM o homem.

Si os sujeitos não têm o mesma pessoa, o *verbo* concorda com aquella que tem prioridade; a 1.ª pessoa tem prioridade sobre as duas outras e a 2.ª sobre a 3.ª Exemplo: *Minha irmã e eu* PARTIREMOS; *teu pae e tu* PARECEIS doentes.

Exercicios

Feitas em aula, as explicações referidas com linguagem clara, paciente e attractiva, tantas vezes quantas o professor julgar conveniente para a boa comprehensão da classe, intercaladas de arguições constantes aos alumnos, e, ainda com elucidação no quadro negro, mandando copiar em cadernos apropriados as questões principaes, deverá então o professor iniciar os exercicios meramente praticos, escriptos e oraes.

O seguinte exercicio tem sido applicado com muito exito.

Por um verbo, exprimir a acção que faz:

A costureira. — O sino.
O escrivão. — O rio.
O preguiçoso. — O marceneiro.
O martello. — O alumno.
A chuva. — O tribunal.

Muitos outros nomes devem ser accrescentados ao exercicio referido.

Outro exercicio que tem produzido os melhores resultados, no ensino da familiarização do *sujeito* com o *verbo*:

(*Substituir o traço por um sujeito conveniente*):

O — não frequenta a escola. O — dá esmola aos pobres. Os — cantam nas arvores. O — detesta o trabalho. O — é o rei dos animaes. A — enganou a Eva. O — respeita a velhice. O — ama a patria. A — é mãe dos vicios, etc.

Depois de muitos e variados exercicios no genero dos mencionados, passará a classe aos seguintes:

Fazer os alumnos conjugar cada expressão seguinte em todas as pessoas do tempo dado:

Tenho falado. — Tens trabalhado. — Elle tinha começado. — Terieis jantado. — Teremos almoçado. — Tiveramos acabado. — Tivessem corrido. — Tinhamos applaudido. — Terieis trabalhado.

Modelo: Tenho falado, tens falado, tem falado, etc.

Feito este exercicio, tantas vezes quantas o professor achar de conveniencia para a classe, passará a fazer o trabalho que segue, como no precedente:

Tenho cumprido meu dever. — Tinhas regado as flores. — Terás um cavallo. — Si eu tivesse uma vacca, teria leite. — Teremos descanso quando tivermos acabado. — Elle não terá recompensa antes de ter terminado o trabalho.

Para reforçar conhecimento dos verbos que a classe adquirir, o professor lhe dará mais os seguintes exercicios de conjugação de verbos:

1.º — Elle tinha escripto uma carta. — Terieis decorado a vossa licção. — Si eu tivesse previsto, eu teria adiado minha viagem. — Tereis menos fadiga quando tiverdes um cavallo. — Tive um prazer immenso depois de ter concluido.

2.º — Teria mais prazer si eu tivesse trabalhado mais. — Terei premios no fim do anno, si me tiver applicado todos os dias. — Tenho estimado que eu tenha comprado dois cadernos. — Eu teria estimado que eu tivesse boa saude. — Depois de ter eu acabado, tive necessidade de repouso.

Segunda parte

O methodo de ensinar os verbos, adoptado por mim, durante longos annos, com os melhores resultados, é baseado nos mais doutos professores dessa disciplina.

A sua efficiencia começa desde logo a ser manifestada nas primeiras aulas.

Com experiencia propria, posso garantir que, facilmente, logo o alumno ou alumnos entrem no estudo dessa materia, ouvindo attenciosamente as explicações do professor, em linguagem clara, simples e attractiva, familiarizar-se-ão, muito bem, com o *sujeito* e o *verbo*, assim como, na formação de sentenças. O desenvolvimento rapido e pratico dos verbos *haver*, *ser* e *estar*, uma vez manifestado, habilita a classe para se desenvolver, sem embaraços, na escola primaria ou no curso secundario, o estudo dos innumeraveis *verbos* que ornam a nossa lingua, nos seus diversos *modos* e *tempos*.

Exercicios de lexicologia

Completando o trabalho sobre o ensino do *verbo* no curso primario, o professor que desejar bem, que fique eternamente alicerçado no cerebro de seus alumnos o conhecimento desta palavra — *verbo* — uma das mais importantes das nove palavras de que se compõe a lingua portugueza, deverá sempre e sempre, depois de bem adextrados nos demaes exercicios já referidos, darlhes tambem exercicios de *lexicologia.*

Com mais este trabalho, feito oralmente; com elucidação no quadro negro, e escriptos nos respectivos cadernos, teremos ou terá o professor concluido o seu esforço de maneira efficaz e verá refulgir sobre a sua fronte de educador exemplar a corôa perfumosa e brilhante de uma victoria inaudita.

Tomará, assim, o professor, como base para o *exercicio de lexicologia* o seguinte:

Formação de sentenças; formação de nomes por meio de nomes; formação de nomes por meio de verbos, etc.

Exemplo: Como se chama a acção ou resultado da acção de:

Pilhar ? — Cumprir ? — Armar ? — Andar ? — Depor ? — Encartar ? — Passear ? etc.

Modelo: — a acção de cumprir chama-se cumprimento, etc.

JOSÉ LUIZ DE MESQUITA, *Professor da escola nocturna estadual de Lavras,*

—

A meu ver, de certo desauctorizado mas bastante arraigado, a resposta unica a essa pergunta não pode ser sinão pelo ensino das fórmas todas de todos os verbos, regulares e irregulares.

Assim sempre pensei, quando professor, e tal pratiquei sempre, sem maiores difficuldades aliás, nas aulas superiores do referido curso, que me foi dado reger.

Sendo o verbo a parte talvez mais importante da linguagem, parece-me indubitavelmente imprescindivel o seu completo conhecimento; e, não offerecendo esse conhecimento, em sua transmissão, difficuldades insuperaveis, nem siquer exigindo do cerebro infantil esforço ao mesmo superior, não vejo por que não deva elle fazer parte do programma de primeiras letras.

Nada mais desairoso, com effeito, em materia de linguagem, do que erros de conjugação de verbos ou commettidos no emprego de modos e tempos verbaes.

E si tão desagradaveis deslises se podem, com relativa facilidade, evitar, por que, em tal caso, os permittirmos ?

Desde que se abra aos processos exaggeradamente praticos, hoje preconizados — com lamentavel esquecimento dos inconvenientes do extremismo — uma pequena excepção para o ensino dos verbos, ensinando-se ao alumno, nesse sentido, um reduzido numero de regras faceis, perfeitamente comprehensiveis e praticaveis, resolvida estará certamente a questão maxima nos dominios da linguagem popular.

"Questão maxima", disse, por ser a mais extensa e complexa entre todas quantas, na materia, se apresentam á comprehensão infantil, aliás bastante idonea, como ficou dito, para, pelo processo indicado, facilmente assimilal-a.

— Preferi sempre, no ensino da conjugação, o processo dos tempos primitivos, por todos conhecidos, deixando, apenas, á memoria, aliás geralmente prompta na infancia, os tempos insubmissos.

— Relativamente aos compostos, poucas regras, e essas de facilima comprehensão e retentiva, são mais que sufficientes para sua formação.

E' facil, *verbi-gratia*, comprehender-se que o perfeito composto do indicativo se forma do presente do verbo auxiliar (ter ou haver) com o participio passado do verbo em conjugação; que o mesmo tempo, no modo subjunctivo, se constitue — *mutatis mutandis* — pela mesma maneira, e que, finalmente, em relação aos demais tempos compostos, são elles, com poucas variantes, formados pelo auxiliar nesses mesmos tempos conjugado e tambem do participio passado do verbo que se conjuga.

— Quanto á combinação de fórmas — que tambem poderia ser ensinada — bastaria fazer o alumno comprehender, com explicações e exemplos, que o futuro do subjunctivo está em correspondencia com egual tempo do indicativo, e que o imperfeito do conjunctivo se combina com o condicional, como nos exemplos a seguir: si elle *vier*, eu *irei;* si elle *viesse*, eu *iria*.

— Para se conseguir que os alumnos distingam bem o futuro do subjunctivo, nos verbos regulares, do infinito dos mesmos verbos, nada mais é preciso do que substituir-se a fórma escripta ou dita na lição, pelo futuro de um verbo qualquer irregular, ou fazer-lhes ver que o primeiro é precedido de uma das conjuncções — *si* ou *quando* — e que a fórma infinitiva não admitte nenhuma dellas.

— Conviria egualmente, á similhança do francez, conjugar, com os devidos connectivos (*si* ou *quando*) o imperfeito do subjunctivo (si eu fosse — si ou quando eu for), para se evitar que, na pratica, incidam as creanças em erros muito communs entre pessoas do povo: "Si você *ver;* quando eu *fazer*..."

— Quanto aos verbos irregulares, um simples confronto do radical do respectivo infinito com os demais tempos, e o das terminações do modelo ou paradigma com as do verbo que se conjuga é, como se sabe, o sufficiente para que os meninos bem possam distinguil-os e conjugal-os, com relativa fecilidade.

Por estes e outros processos, que me parecem intuitivos, penso poder ser transmittido a creanças o conhecimento integral da conjugação dos verbos, que continuo a dizer imprescindivel, mesmo numa aula de primeiras letras, *ex-vi* do grande desenvolvimento, de ha muito, dado aos respectivos programmas.

Deixar-se entregue ao mero acaso, como se tentou, a aprendizagem de tão importante assumpto, é que — perdôem-me a ousadia — não me parece bom alvitre pedagogico, já tacitamente condemnado pela experiencia de um anno.

Quem sabe não seria mesmo demasiada exigencia que, além da conjugação completa e da combinação de tempos, aqui lembrada, tambem se ensinassem os verbos, relativamente á sua acção e ainda e principalmente, quanto á sua predicação ?...

UM APOSENTADO.

Em primeiro logar, dar a definição de verbo. Fazer um resumo bem claro sobre o modo de conhecel-o, differençando os tempos e as pessoas.

Depois, fazer o alumno conhecer os infinitos das quatro conjugações, mandando-lhe recitar um por um todos os tempos; deve-se, porém, exigir que fiquem bem gravados na sua memoria os modos: indicativo, nos tempos presente, preteritos perfeito e imperfeito, e futuro; o condicional, imperativo e subjunctivo nos tempos presente, preterito perfeito e futuro.

Devemos ensinar sómente os tempos simples.

Si o verbo for irregular ou defectivo, o professor deve chamar a attenção do alumno, sem aprofundar muito.

O ensino das conjugações deve ser sempre acompanhado de muitos exemplos.

MARIA JOSE' MOREIRA DE BARROS.
(Bello Horizonte)

—

Devem ser ensinadas com insistencia as fórmas simples, regulares e uma noção, quando se apresentar occasião, das fórmas compostas e das irregulares.

Modos: O indicativo, o imperativo, o condicional, o subjunctivo.

Tempos: O presente, o passado (imperfeito e perfeito), o futuro (imperfeito e perfeito).

A sua conjugação deve ser ensinada com exercicios variados de sentenças, nos trechos de leitura e nos exercicios constantes de redacção.

MARIANNA ERNESTINA CORRÊA, *professora do grupo escolar de Patos.*

—

Devem ser ensinados os seguintes modos: indicativo, subjunctivo, infinito.

O indicativo, com os seguintes tempos: presente do indicativo, preterito imperfeito, preterito perfeito, futuro, condicional.

Nota — Não incluo o mais-que-perfeito. Este tempo está em desuso na linguagem vulgar e é perfeitamente substituivel pelos preteritos imp. e perf. do indicativo, exs.:

Mario achára (achou) um relogio — José pedira-me (pediu) umas laranjas — Eu o estimára (estimava) muito.

— O condicional está, aos poucos, perdendo sua modalidade, razão por que o incluo como tempo do ind. E' frequente a sua substituição pel opret. imp. do ind., exs.:

Estimaria (estimava) que fosses feliz. — Si fugisses, eu o procuraria (procurava) por toda a parte — Si o encontrasses, não pederias (podias) maltratal-o.

— O imperativo é um modo em declinio. Na linguagem commum, é substituido pelo subjunctivo. Eu o excluo, pois, dos modos. Exs.:

Sê (seja) um bom menino. — Vai (vá) embora — Vem (venha) cá — Põe (ponha) na gaveta — Não tende (tenhaes) pena.

O subjunctivo, com os seguintes tempos: presente do subjunctivo, preterito imperfeito, futuro.

O infinito, com os dois tempos: infinito impessoal, infinito pessoal.

Os participios — presente e passado.

Nota — As questões grammaticaes, assumpto difficil, têm de se amoldar, frequentemente, á tendencia popular. Esta, com sua força incontestavel, tem grande preponderancia sobre a linguagem.

PEDRO JUVENCIO DE SOUSA, *professor publico em Carmo da Cachoeira.*

—

Verbo

(*Aula modelo para o curso primario*)

Exercicios em lousa: Applicações (quadro negro)

I — Tempo presente:

P. — Mario, levante-se e tome este livro.

Naturalmente obedecida pelo menino, pergunto-lhe que faz para o conseguir .

A. — Eu me levanto, ando e tomo o livro.

P. — Muito bem.

P. — José, diga ao Antonio para explicar o que você faz quando me ouve dizer que tome o livro.

A. — Tu te levantas, andas e tomas o livro.

P. — Muito bem.

P. — Pedro, que é que faz, pois, o José ?

A. — Elle se levanta, anda e toma o livro.

P. — Supponhamos que tenha feito a todos a mesma pergunta; que entenderam vocês ?

A. — Nós nos levantamos, andamos e tomamos o livro.

P. — Maria, supponha tratar seus collegas por tu. Si elles perguntem a você o que estão fazendo, deante da minha pergunta, que deve responder-lhes ?

A. — Vós vos levantaes, andaes e tomaes o livro.

P. — Léa e Lelia, levantem-se e tomem este livro.

P. — Josephina, que fazem ellas ?

A. — Ellas se levantam, andam e tomam o livro.

(Estes pequenos e insignificantes rudimentos, embora coroados de bom exito, constituem materia sufficiente para uma aula, segundo experiencias ordinarias, por mim seguidas).

II — Passado

P. — Na aula passada, ao mandar que tomasse o livro de sobre a mesa, que fez você, Vera ?

A. — Eu me levantei e tomei o livro.

P. — Não, senhora. Que fez ?

A. — Eu me levantei, andei e tomei o livro.

P. — Muito bem.

P. — Celia, diga a Mary, que fez ella, tratando-a por tu ?

A. — Tu te levantaste, andaste e tomaste o livro.

P. — Muito bem.

P. — Nery, que fez Mary ?

A. — Ella se levantou, andou e tomou o livro.

P. — Leonel e Jorge, venham cá e tomem este livro. Que fizeram vocês ?

A. — Nós nos levantámos, andámos e tomámos o livro.

P. — Nilce, como é que vocês dizem, em geral, o que fizeram para tomar o livro ?

A. — Vós vos levantastes, etc.

P. — Emfim, que fizeram elles?

A. — Elles se levantaram, andaram e tomaram o livro, etc.

(E assim escripto, usando-se o quadro negro, todos vão aprendendo tambem as respectivas graphias).

III — Futuro

O professor achará um pretexto para um plano de conjugação do verbo a escolher. Chamará um dos alumnos e dir-lhe-á:

— Alcino, pedirás, no recreio, a teus collegas, um lapis emprestado para desenhares.

Chegado o momento, a professora perguntará:

— Alcino, já falaste a teus collegas sobre o lapis ?

A. — Não, senhora.

P. — Bem, quando o farás ?

A. — Vou falar á hora do recreio.

P. — Não dirias melhor, de outra fórma, com uma só palavra ?

A. — Sim, senhora, poderia dizer: Eu falarei, etc.

P. — (A todos) — Digam ao Alcino o que elle fará, mas tratando-o por tu.

A. — Tu falarás.

P. — Nelson, que fará o Alcino ?

A. — Elle falará.

P. — E si não encontrar a quem peça o lapis ?

A. — Nós falaremos a algum dos collegas que o possa ter, etc.

ESTHER GILDA RIBEIRO,
professora do grupo escolar de Camuira.

O verbo "estudar"

(Aula modelo para o curso primario)

Modo indicativo (presente)

O professor tomará um livro e dirá, lendo-o:

— Eu estudo uma lição .

Depois, escreverá no quadro negro essa sentença. Chamará um alumno, dar-lhe-á o livro, mandando que o alumno leia. Dirá:

— Tu estudas a lição.

Escreverá esta sentença no quadro. Mandará que o livro seja entregue a outro alumno, para ler. Dirá:

— Elle estuda a lição.

Lerá o livro com o primeiro alumno, á vista da classe, e dirá:

— Nós estudamos a lição.

Escreverá esta sentença debaixo das outras. Mandará que o primeiro alumno e um outro, de pé, leiam o livro e dirá:

— Vós estudaes a lição.

Escreverá tal sentença debaixo das outras. Por fim, mandará que dois ou tres alumnos sentados leiam o livro. Dirá para os outros:

— Elles estudam a lição.

Depois de escrever esta sentença debaixo das outras, mandará ao quadro alguns alumnos, para lerem a conjugação do presente do indicativo.

Dará explicação dos pronomes pessoaes, como pessoas do verbo.

O ensino dos outros tempos se fará do mesmo ou de modo analogo, sempre formando-se sentenças.

Logo que esteja escripto no quadro negro um tempo com a sua conjugação completa, mandar-se-á copial-o nos cadernos.

Oralmente, cada alumno conjugará o presente do indicativo, mudando o objecto.

Um dirá: Eu estudo arithmetica, etc.

Outro dirá: Eu estudo geographia, etc. e assim por deante.

Em outro dia, ensinar-se-á o passado:

Eu estudei *hontem* a lição.
Tu estudaste *hontem* a lição.
Elle estudou *hontem* a lição.
Nós estudámos *hontem* a lição.
Vós estudastes *hontem* a lição.

Elles estudaram *hontem* a lição.

Depois de feitos os exercicios oraes, mandar-se-á fazer a copia do passado, nos cadernos.

A conjugação do futuro, usando-se do livro, como se fez para o presente, mas dizendo-se *amanhã, no mez que vem* etc., será ensinada, a seguir:

Eu estudarei a lição, amanh.
Tu estudarás a lição, amanhã.
Elle estudará a lição, amanh.
Nós estudaremos a lição amanhã.
Vós estudareis a lição, amanhã.
Elles estudarão a lição, amanhã.

O ensino dos tempos do modo conjunctivo, para o alumno comprehender a ligação desses tempos e desse modo com o indicativo, será feito com uma locução:

E' preciso que eu estude, hoje.
E' preciso que tu estudes, hoje.
E' preciso que elle estude, hoje.
E' preciso que nós estudemos hoje.
E' preciso que vós estudeis hoje.
E' preciso que elles estudem, hoje.

Do mesmo modo se ensinará o imperfeito do conjunctivo, usando-se sempre da locução "Era preciso que eu estudasse, hontem", etc.

Para o ensino da conjugação do futuro do conjunctivo, deve-se empregar a conjuncção *si* ou *quando*:

Si eu estudar amanhã.
Si tu estudares amanhã.
Si elle estudar amanhã.
Si nós estudarmos amanhã.
Si vós estudardes amanhã.
Si elles estudarem amanhã.

FAUSTO GONZAGA,
Director do grupo escolar de Além Parahyba

—

Pronome pessoal

(*Aula modelo para o curso primario*)

Pergunto á classe:

— Qual é o meu nome ?

— José Emygdio.

— Será correcto si, para falar que vou á fazenda, eu disser:

— José Emygdio vae á fazenda? (Quasi sempre a classe ri).

— Não.

— Como é então que devo dizer ?

— "Eu vou á fazenda".

—Então não está certo (no quadro): "José Emygdio vae á fazenda". O certo é (no quadro): "Eu vou á fazenda". Qual a differença ?

— "Ficou *Eu* em logar de José Emygdio".

— *Eu* é um pronome; para que serviu ?

— "Para pôr em logar de seu nome".

Escrevo no quadro: "*Pronome* é a palavra que se põe em logar do nome: *Eu*".

Chamo um alumno. — Estamos aqui dois, eu e o Mario; como direi em vez de "José Emygdio e Mario vamos á fazenda ?"

— "Nós vamos á fazenda".

— Qual é o pronome ?

— "*Nós*".

— *Eu* substituiu um nome só, é singular; *Nós* substituiu dois nomes, é plural. No quadro: *Singular*: Eu. *Plural*: Nós.

Vou escrever uma historia para vocês descobrirem os companheiros de *Eu*, que estão tambem em logar de meu nome: "*Eu fui á fazenda; o fazendeiro gostou de mim, deu-me laranjas e veiu commigo para a cidade.*" Procurem os companheiros de *Eu*:

— "Mim, me, commigo".

— Ponho-os junto ao *Eu*: *Singular*: Eu, mim, me, commigo. Notem que todos têm *m*. Agora vamos atraz dos companheiros de *Nós*: o Mario foi meu companheiro de passeio. Dictem a historia, imitando a que eu escrevi. Agora é plural, hein ?

— *Nós fomos á fazenda; o fazendeiro gostou de nós, deu-nos laranjas e veiu comnosco para a cidade.*

— Descubram nós, comnosco.

Escrevo-os junto ao *Nós*: *Plural*: *Nós, nos, comnosco.* Todos têm *n*. Aponto para um alumno e digo:

— *Faze o favor, vem cá, tu.*

Escrevo estas palavras no quadro. Qual é o pronome ?

— "Tu".

Vamos procurar os companheiros de *tu*. *Escrevo*: *Tu foste á fazenda; o fazendeiro gostou de ti, deu-te laranjas e veiu comtigo para a cidade.* Procurem lá "ti, comtigo". *Tu* serviu para quantos meninos ?

— Para um.

— Então é singular: Singular: Tu, ti, comtigo. Todos têm *t*. Agora vamos ver o plural; quando Monsenhor faz sermão lá na missa, como trata elle ao povo? Tu? Vocês ?

Haverá uma demorazinha, mas a resposta vem: *Vós*.

Escrevo: "Vós". Vamos atraz dos seus companheiros:

— *Vós fostes á fazenda; o fazendeiro gostou de vós, deu-vos laranjas e veiu comvosco para a cidade.* Acharam ?

— "Vos, comvosco".

Escrevo-os ao lado de *Vós*, observando que *Vós* é plural, porque serviu para todo o povo lá na missa: *Plural*: Vós, vos, comvosco. Todos têm *v*. Afranio não veiu á aula hoje; supponhamos que foi á fazenda. Como direi em vez de *Afranio foi á fazenda?*

— "Elle foi á fazenda".

Escrevo no quadro: "Elle" e uma historia: *Elle foi á fazenda; o fazendeiro gostou de si; deu-lhe laranjas e veiu comsigo para a cidade.* Vão atraz dos companheiros de *Elle*.

— "Si, lhe, comsigo, o".

Escrevo ao lado de *Elle*, observando que são do singular: *Singular*: Elle, si, lhe, comsigo, o. Não é preciso mais nada. Com facilidade os alumnos acharão as fórmas do feminino e do plural.

Nota — Por emquanto basta que os alumnos aprendam os pronomes. Dar-se-á a noção de pessoas na redacção de cartas: — pronomes da 1.ª pessoa são todos os que *servem* para a pessoa que escreve; da 2.ª os que *servem* para quem é escripta a carta. Da 3.ª os que se referem ao assumpto.

JOSE' EMYGDIO DE LIMA,
professor do grupo escolar de S. Sebastião do Paraiso.

—

A finalidade da hygiene

(*Aula modelo para o 3.º anno primario*)

A hygiene tem dois objectivos que demandam a mesma finalidade: a defesa da saude.

— Os meninos já sabem porque é que nós lhes ensinamos hygiene?

— Já. E' para não adoecermos.

— Exactamente.

— E por isso mesmo devemos seguir á risca os dois objectivos que ella determina para attingirmos esse fim.

O 1.º objectivo da hygiene é ensinar os meios de fortalecer o corpo e o 2.º é ensinar os meios de evitar a infecção.

— O que é infecção?

— E' "apanhar" uma doença por intermedio de um microbio.

— O que é microbio? (vida pequena)

— E' um pequenissimo animal que ninguem vê a olho nu e que só com o auxilio de um apparelho especial — o microscopio — poderemos vel-o.

— Que faz este pequenino animal, entrando em nosso organismo?

— Faz a doença.

— Perfeitamente.

—E de que meios dispomos nós para nos defendermos delle?

— Praticando o asseio.

— Muito bem.

— Eu lhes posso garantir que o menino limpo, asseiado, não contrahirá infecção e nem a "passará" a outrem, si, por infelicidade, a tiver.

— Em que consiste o asseio?

— Em tomar banho todos os dias.

— Sim; mas isso não é bastante, não é sufficiente.

— Consiste tambem em não comer cousa alguma sem ter as mãos bem lavadas; em as não levar á bocca, ao nariz, aos olhos e ouvidos; em lavar a bocca e escovar os dentes pela manhã, á hora de dormir e depois de cada refeição; em não beber ou comer o resto de quem quer que seja; em não dormir com a mesma roupa, que se vestiu durante o dia;

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

ter uma vestimenta especial para entrar na cama; em não falar ou ouvir uma pessoa muito perto della; em andar sempre de roupas limpas e usar lenço; em não brincar com os animaes sujos, passiveis de infecções; em só cuspir na escarradeira ou latrina; e, finalmente, em observar outras regras, que serão desdobradas e conhecidas no decurso das licções.

— Tudo isso é asseio.

— A infecção está no sujo, na immundicie, pois a palavra infecção quer dizer mau cheiro e o mau cheiro só se exhala das cousas sujas, immundas.

— O menino que come uma "quitanda" exposta ás moscas é asseiado ?

— Não, senhor.

— Porque ?

— Porque a mosca é suja e nesse caso elle está praticando duas faltas graves contra o asseio: a 1.ª é de levar á bocca uma cousa suja e a 2.ª é de comer o resto de uma mosca. Ora o asseio prohibe terminantemente que se levem á bocca os objectos sujos e que se coma ou beba o resto de quem quer que seja.

— Muito bem.

— Vamos agora conhecer quaes são os meios de que dispomos para fortalecer o nosso corpo — outro objectivo da hygiene.

— Quaes são elles ?

— Fazendo exercicios physicos.

— Está certo. Mas é preciso ter ainda outros conhecimentos para auxiliar o beneficio que os exercicios physicos prestam ao nosso corpo: — Devemos dormir, levantar e comer a horas certas; respirar sempre o ar puro, quer seja durante o somno, quer seja durante o dia; não beber e não fumar; não habituar o corpo a posições defeituosas ou incommodas, que prejudiquem o livre funccionamento dos orgãos e provoquem deformações; e seguir, emfim, todos os ensinamentos que irão colher no desenvolvimento successivo das lições.

— Todos estes conhecimentos são indispensaveis para fortalecer o nosso corpo.

— O menino que escreve curvado sobre o caderno está fortalecendo o seu corpo ?

— Não, senhor. Está enfraquecendo, pois commette duas graves faltas contra as regras de fortalecimento do corpo: a 1.ª é a de prejudicar o livre funccionamento dos pulmões e coração e a 2.ª é a de provocar a deformação da columna vertebral.

— Muito bem.

— Fica, então, sabido que o menino que seguir estes dois objectivos da hygiene não adoecerá: só morrerá de desastre ou de velhice.

—Quem seria capaz de desprezar esses dois objectivos, que nos levam á conservação da saude e da vida ?

— Ninguem.

— Haverá maior riqueza do que a saude ?

— Não ha.

— Dizem que a saude é a riqueza do pobre e eu accrescento que o é tambem do rico. Pois está tão privado de gosar a vida um tuberculoso rico como um tuberculoso pobre; é tão infeliz um alcoolatra rico como um alcoolatra pobre.

— Ambos têm os mesmos soffrimentos e as mesmas privações em relação aos prazeres.

— Não é assim ?

— Perfeitamente.

— A doença é irmã da morte: nivela todos os seres.

—Por isso mesmo os meninos que fortalecerem o seu corpo e praticarem o asseio terão dois premios de inestimavel valor: — a saude e a vida longa.

— Todos vocês querem ter saude e viver muito ?

— Queremos.

— Pois então sigam os ensinamentos que acabo de dar.

JAIR GUIMARÃES DE PAULA,
professor em Alvorada, municipio de Carangola.

Informações uteis

Serão respondidas, nesta secção, tanto quanto possivel, todas as consultas concernentes ás questões de ensino. quer technicas, quer administrativas.

P. *Pode ser cancellada a matricula de um alumno cujo pae ou responsavel foi multado por infrequencia e que por isso resolve tiral-o do estabelecimento escolar, para ministrar-lhe o ensino em domicilio?*

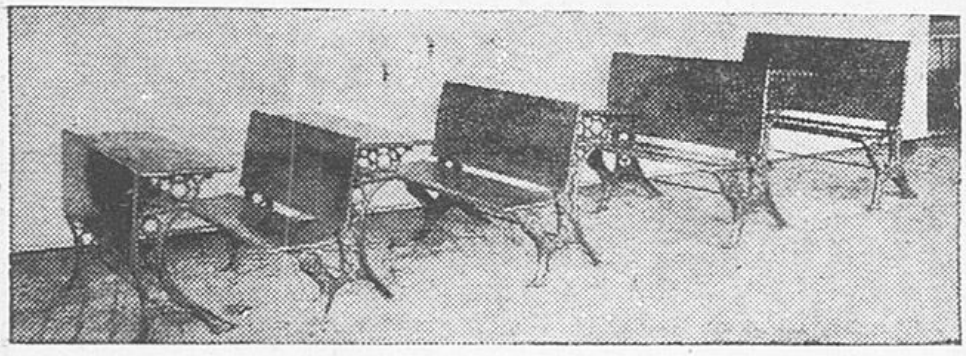
R. Nos termos do art. 43, §§ 1º. e 2º., do Regulamento do Ensino Primario, o responsavel é obrigado a declarar si opta pelo ensino em domicilio, mas isso por occasião da matricula. Fora dessa época, so' a Secretaria do Interior poderá permittir que o alumno passe a receber o ensino em domicilio, com a condição de, na época regulamentar, prestar exames do anno que estiver cursando. — *A. Marinho.*

A INDUSTRIAL

FUNDADA EM 1903

Especialistas em carteiras e moveis escolares

Fornecedores dos Governos de diversos Estados



AV. TOCANTINS, 809 -- BELLO HORIZONTE

FORNO ALTO E FUNDIÇÃO

DE

PEDRO GIANNETTI

Ferro guza, Engenhos de canna, Arados marca "BRASIL", Machinas para industria e CARTEIRAS ESCOLARES

Escriptorio: BELLO HORIZONTE

Caixa Postal, 73 — Endereço Telegraphico: "GIANNETTI"

UZINA EM RIO ACIMA — E. F. C. B

CASA SPILLER

Rua Caethés, 619

Novidades em Bijouterias,

Brinquedos, Artigos de vidros,

Artigos para presentes,

Enfeites para chapéos e vestidos

SENHORES DENTISTAS

— ECONOMISEM —

seu tempo e dinheiro comprando na

"CASA ROSA E SILVA"

O maior e mais variado sortimento de artigos dentarios

— AV. AFFONSO PENNA, 597 —

BELLO HORIZONTE

Executam-se com presteza quaesquer pedidos do Interior

PREFIRAM OS

PRODUCTOS DA

COMPANHIA ANTARCTICA MINEIRA

THOMAZ NAVES E ALCINDO VIEIRA

Advocacia e Procuratorios

Encarregam-se de qualquer serviço perante as repartições publicas da Capital, onde são estabelecidos ha mais de 9 annos

AV. AFFONSO PENNNA, 599 — SALA 4 — **BELLO HORIZONTE**

LIVRARIA CATHOLICA S. FRANCISCO

RUA DA BAHIA, 1012 — BELLO HORIZONTE

Sortimento completo de livros religiosos, didacticos, escolares, direito, medicina etc. Devocionarios finos para presentes.

Da possse e das acções possessorias - T. Fulgencio - enc. 35$000
Questões juridicas e pareceres - Nova serie - Espinola 25$000
Direito de visinhança - T. Fulgencio - enc. 30$000
Direito Real de Hypotheca - T. Fulgencio — enc. 40$000
Dos crimes sexuaes - C. Gusmão - enc. 15$000
Codigo Civil - annotado por J. Luiz Alves - encad. 64$000

Livros sobre pedagogia, psychologia, methodologia, etc. queiram pedir catalogo, que será remettido gratis

Livros sobre Pedagogia
--LIVRARIA MORAES--
Caixa Postal, 109 -- Av. Af. Penna, 794
BELLO HORIZONTE

A Sedan,

Meias, rendas e roupas para
O mais completo sortimento do E. de Minas
ATTENDEM-SE PEDIDOS DO INTERIOR
RUA TUPYNAMBÁS 522

Machinas Singer

Desconto de 40% sobre o preço de á dinheiro a quaesquer estabelecimentos de ensino quer publicos, quer particulares. Os pedidos de Escolas Estadoaes deverão ser encaminhados á Secretaria do Interior.

DACTYLOGRAPHIA

Curso perfeito de dactylographia e Mecanographia na maior e mais completa Escola do Estado de Minas Geraes

Machinas novas ultimos modelos

REMINGTON, ROYAL, URANIA, MERCEDES, WOODSTOCK E OUTRAS

DIPLOMAS VALIDOS EM TODO O PAIZ

Competentes professoras officialmente graduadas

Aos diplomados por esta escola estão reservadas as melhores collocações

Aulas diarias - Horario a escolha do alumno

ACADEMIA DE COMMERCIO DE BELLO HORIZONTE

RUA RIO DE JANEIRO, 935 - (SOB.)

BELLO HORIZONTE

MILHARES DE CONTOS !... PARA SÃO JOÃO

No felizardo CAMPEÃO DA AVENIDA

Dia 20 - 200 contos por....18$000 | Dia 22 - 400 contos por..... ....18$000
Dia 24 - 1000 contos por...350$000 | Dia 26 - 2 premios de 1000 contos por 460$000
Dia 26 - 1000 contos por 200$000 | Dia 27 - 300 contos por .....20$000
Dia 28 - 2000 contos por.... .....600$000

Habilitem-se no CAMPEÃO DA AVENIDA que tem enriquecido centenas de pessoas

Av. Affonso Penna, 612

J. A. DA SILVA CAMPOS
Cirurgião-dentista
RUA TUPYS, 42 TEL. 328
Proximo ao Bar do Ponto

ANGELO ASSUMPÇÃO
Cirurgião-dentista
RUA TUPYS, 32 --- TEL 328
PROXIMO AO BAR DO PONTO

2 PREMIOS DE MIL CONTOS!
Loteria de Minas
CASA GIACOMO
BAHIA, 856

CASA HERMANNY

FUNDADA EM 1855

Artigos dentarios - Cutelaria Fina - Perfumarias

Editora da Revista "BRASIL ODONTOLOGICO"

No intuito de melhor servir a sua distincta freguezia do importante Estado de Minas, inaugurou uma filial em Bello Horizonte, á rua da Bahia ns. 910 e 916

Luiz Hermanny Filho & Cia. Ltda.
CAIXA POSTAL, 126
Telegr. "DEPOSITO"
BELLO HORIZONTE

CASA CRYSTAL

LOUÇAS, PORCELANAS, CRYSTAES, METAES, CRYSTOFLE

O maior sortimento de artigos proprios para presentes

TRENS DE COSINHA

Sortimento completo para Collegios, Hoteis, Restaurantes, Confeitarias e Cafés

José Ribeiro

AVENIDA AFFONSO PENHA, 707 --- ESQUINA DE CARIJÓS

Telephone Norte, 720

BELLO HORIZONTE

Casa Filial: RUA GENERAL CAMARA, 122 — Rio de Janeiro

Origem: Doação

Preço:

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Agostinho de Campos — Educar (Na Escola, na familia a na vida), 1 vol. com 354 pags. br. 5$000.

Agostinho de Campos — Casa de pais, escola de filhos (Ensaios sobre educação), 1 vol. 331 pags. br. 5$000.

Xavier Marques — Arte de escrever (Theoria do estylo,) 1 vol. br. 4$000, enc. 6$000.

Manoel Bomfim — Noções de Psychologia, 1 vol. com 380 pags. br. 8$000 enc. 11$000

Manoel Bomfim — Lições de pedagogia (Theoria e pratica de educação) 1 vol. com 440 pgs. br. 8$000, enc. 11$000

Afranio Peixoto — Ensinar a ensinar (Ensaios de pedagogia applicada á educação nacional), 1 vol. com 218 pags. br. 3$500, enc. 5$500.

Delgado de Carvalho — Methodologia do ensino de geographia (Introducção aos estudos de geographia moderna), 1 vol. cart. 5$000.

Medeiros de Albuquerque — Tests (Introducção ao estudo dos meios scientificos de julgar a intelligencia e applicação dos alumnos) 1 vol. br. 5$ enc. 7$.

J. Augusto Coelho -- Principios de Pedagogia, 2 vols. com 1.943 pag. encs. 25$000.

Manoel Bomfim -- O methodo dos tests, 1 vol. br. 6$000.

Jayme de Séguier -- Diccionario encyclopedico, pratico e illustrado da lingua portugueza, (edição de 1928), 1 vol. com 1.780 pgs., 6.000 gravuras, 110 quadros e 90 mappas, enc. 25$000.

Todos os preços acima são livres do porte e registro pelo correio

Pedidos a PAULO DE AZEVEDO & CIA., Rua da Bahia, 1052

BELLO HORIZONTE

REVISTA DO ENSINO

ASSIGNATURAS

ANNO ..... 12$000
SEMESTRE ..... 6$000

NUMERO AVULSO, 1$000

Os pedidos devem ser enviados á "Revista do Ensino" Secretaria do Interior, Bello Horizonte